



Na Cidade dos Sacos. Os combatentes lousadenses na I Guerra Mundial

Cristiano Cardoso*

RESUMO

A 10 de julho de 1917, partia da estação de Novelas, Penafiel, o batalhão expedicionário mobilizado pelo Regimento de Infantaria 32 para integrar o Corpo Expedicionário Português. Um comboio especial, com cerca de 30 carruagens, transportou dezenas de militares naturais de Lousada, e muitos outros oriundos dos concelhos limítrofes, com destino à estação de Santa Apolónia, em Lisboa. Quatro dias depois, a 14 de julho de 1917, esses homens embarcaram no cais de Alcântara, esperando-os uma viagem de três dias, que os iria levar até ao porto marítimo de Bruges. Dois meses depois, a 12 de setembro de 1917, embarcava novo contingente proveniente do Regimento de Infantaria 31, no Porto, onde seguiam mais umas largas dezenas de combatentes lousadenses. Mais do que falar sobre a I Guerra Mundial, este artigo propõe-se identificar, recordar e homenagear os cerca de 180 homens que deixaram as suas terras em Lousada para defender os interesses da República na Flandres francesa.

PALAVRAS-CHAVE

Combatentes; I Guerra Mundial; Lousada.

ABSTRACT

On July 10th, 1917, the expeditionary battalion mobilized by the Infantry Regiment 32 to join the Portuguese Expeditionary Corps departed from Novelas train station, Penafiel. A special train, with about 30 carriages, transported dozens of natural soldiers from Lousada, and many others from the neighbouring counties, bound for the Santa Apolónia train station in Lisbon. Four days later, on July 14th, 1917, these men boarded in the Alcântara quay, awaiting them a three-day voyage, which would take them to the seaport of Bruges. Two months later, on September 12th, 1917, a new contingent was embarked, once again with many dozens of fighters from Lousada, this time from the Infantry Regiment 31, in Oporto. More than talking about World War I, this article proposes to identify, remember and honour the approximately 180 men who left their lands in Lousada to defend the interests of the Republic in French Flanders.

KEYWORDS

Combatants; World War I; Lousada.

* Técnico Superior de Ciências Histórias. Câmara Municipal de Lousada.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho marca uma fase mais avançada de uma primeira investigação – *Evocação da I Grande Guerra. Homenagem aos combatentes lousadenses na I Guerra Mundial 1914-1918* –, especialmente concretizada para inaugurar um conjunto de iniciativas de comemoração dos 100 anos deste conflito mundial e de tributo aos mais de 200 lousadenses que serviram nas frentes europeia e africana – na Flandres, em Angola e em Moçambique.

Para o título adotámos uma expressão verdadeiramente ditosa que o soldado José Ribeiro de Magalhães nos legou no seu poema de memórias – *Cidade dos Sacos* –, numa referência à autêntica barreira de sacos de terra que guarnecia o parapeito das trincheiras na linha da frente.

Tratando-se de um desenvolvimento substancial, o trabalho que agora se apresenta não encerra o projeto de investigação que se delineou, nem expõe outras dimensões da participação portuguesa no conflito, que serão, num momento subsequente, reveladoras de novas circunstâncias e contextos que envolveram os militares lousadenses.

Promoveu-se, nesta fase, um trabalho de pesquisa junto das famílias de antigos combatentes que foi possível identificar, procurando-se resgatar memórias, relatos, fotografias e documentos do quotidiano na frente de guerra, mas também uma perspetiva sobre a vida social, familiar e emocional destes homens. Muitos deles iniciavam a sua vida adulta, uns recentemente casados, outros procurando organizar a sua atividade profissional, que lhes permitisse a sustentação económica, numa época de grandes dificuldades. Todos viram essa vida suspensa para enfrentar aquele que poderá ter sido o maior desafio e privação da sua vida.

Importa ressaltar que, para este momento, não foi possível abordar todos os combatentes através de uma breve biografia. Contudo, no final do artigo, inclui-se uma lista com todos os nomes de militares presentes em França entre 1917 e 1919, assinalando-se o nome da sua esposa, caso fossem já casados aquando da mobilização, seguindo-se a freguesia da sua naturalidade. Acrescentou-se a essa informação o posto militar que ocuparam e a unidade expedicionária em que foram colocados à chegada a França (indicando-se outras unidades caso tenham sido transferidos). Por fim, um campo mais lato apresenta as datas de embarque e desembarque e alguns factos relevantes da sua participação: louvores e punições, ferimentos sofridos, captura e cativo pelo inimigo, entre outros.

Relativamente aos militares que estiveram presentes nas duas frentes do teatro de operações africano – Angola e Moçambique –, ainda não foi possível a organização de uma lista completa dos seus nomes, devido, em parte, à forma como se efetuou a mobilização para esses cenários de guerra. Foi, no entanto, possível concretizar uma lista dos combatentes em África que morreram em serviço, uns em combate, mas uma grande parte por doença.

O tema da I Guerra Mundial, numa perspetiva local, tem sido alvo de outros estudos que muito têm contribuído para um renovado entendimento da participação portuguesa neste conflito. Neste âmbito, não podemos deixar de mencionar um trabalho

desenvolvido sobre os combatentes paredenses (Silva, 2017), que, em muitos aspetos, se entrecruza com este, constatando-se, por um lado, que a proximidade geográfica promoveu a mobilidade das pessoas por via do casamento ou da atividade económica e profissional, mas também que esta ligação se acentuou pelo facto de ambos os concelhos se enquadrarem na mesma unidade militar de mobilização, o Regimento de Infantaria 32, de Penafiel, evidenciando-se o similar contexto sociocultural – predominantemente rural e diminutamente alfabetizado – que caracterizava estas populações. Não surpreende, pois, que nesse estudo encontremos combatentes nascidos em Lousada, mas que, por diversas razões, se estabeleceram em Paredes, como são os casos de Francisco Pereira do Vale, nascido em Nevogilde, mas vivendo grande parte da vida em Beire (Silva, 2017, pp. 118-120), ou José Afonso Xavier, natural de Nespereira, mas a viver em Sobrosa, mobilizado para Moçambique, onde morreu de doença (Silva, 2017, p. 146).

Finalmente, este trabalho não se encerra com a publicação deste artigo, devendo ter continuidade, na certeza de que muitas memórias ainda estarão por descobrir. Lousada, através da presença de lousadenses neste conflito mundial, teve uma improvável participação na grande história. No entanto, as pequenas histórias de cada um destes homens constituem uma inscrição de valor e reforço da história de Lousada.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO INÍCIO DO CONFLITO E A CRIAÇÃO DA FRENTE OCIDENTAL

A 28 de junho de 1914, o grão-duque Francisco Fernando de Habsburgo, herdeiro do imperador da Áustria, era assassinado em Sarajevo por um membro de uma organização terrorista que defendia a integração da Bósnia no reino da Sérvia. A reação da Áustria foi imediata na culpabilização da Sérvia pelo atentado e na declaração de guerra a este país balcânico. O complexo sistema de alianças europeu desencadeou, desde logo, uma resposta por parte das principais potências continentais. Estas reações foram muito influenciadas pelo fraco equilíbrio de poderes e pelas grandes tensões geradas na sequência da Crise Bósnia de 1908-1909. Recorde-se que, aproveitando a grande instabilidade do Império Otomano, a Bulgária proclamou a independência em 1908, facto que precipitou a anexação da Bósnia por parte do Império Austro-húngaro. Aliás, várias potências europeias estavam vigilantes sobre a desagregação do Império Otomano, aguardando pelo melhor momento para obter novos territórios.

Assim, neste quadro de fortes tensões geopolíticas, em que os tratados diplomáticos que garantiam alguma estabilidade regional vinham sendo violados e o equilíbrio só se mantinha em função da oposição de forças militares muito equivalentes, o atentado de Sarajevo acabou por desencadear a revelação de posicionamentos políticos e movimentações militares de carácter claramente expansionista, que até então só se discutiam em circuitos diplomáticos muito restritos.

Em face desta conjuntura, a declaração de guerra da Áustria à Sérvia provocou a imediata mobilização militar da Rússia. Por sua vez, a Alemanha, aliada da Áustria, respondeu com uma grande mobilização do seu exército. Consciente da tradicional aliança franco-russa, a Alemanha não tardou a pôr em prática o plano do general Schlieffen, que entendia que uma guerra contra a Rússia tinha de ser iniciada pela derrota militar



FIGURA 1. Aspeto do setor português na Flandres. Um posto de controlo (BNP, 1914-1918a).

da França, e que esta invasão deveria ser realizada através da fronteira com a Bélgica. Em poucos dias, a Alemanha declarou guerra à Rússia e à França, para além de violar a neutralidade belga, que não autorizara a passagem do exército alemão. Por esta altura, a Inglaterra, que se mantinha dividida acerca da participação no conflito, sob o pretexto de defender a neutralidade da Bélgica, entrava na guerra contra a Alemanha.

No final de agosto de 1914, cinco exércitos alemães entraram no Norte de França, através da Bélgica, mas acabaram por retirar, face à investida dos exércitos franceses e do corpo expedicionário inglês. O avanço aliado dava esperança de um rápido desfecho do conflito. Contudo, uma nova estratégia alemã, baseada na escavação de trincheiras guarnecidas com ninhos de metralhadoras e artilharia, viria mudar completamente o curso da guerra. A Frente Ocidental, que se estendia ao longo de cerca de 600 km, entre Belfort e Ypres, iria caracterizar-se por um quase total imobilismo das forças bélicas, consumidas não só pelos ataques, mas igualmente pelo desgaste psicológico e pela doença (Ramos, 1994, pp. 493-494).

Será perante este cenário que o Corpo Expedicionário Português (CEP) se confrontará cerca de três anos depois do início da guerra.

3. A ENTRADA DE PORTUGAL NA I GUERRA

Parece que ninguém quis mais a participação de Portugal na guerra do que os políticos republicanos portugueses. Entre os republicanos, somente o Partido Unionista, facção mais conservadora, e os monárquicos se mantinham anti-guerristas. O próprio Sidónio Pais, que defendia a manutenção da neutralidade portuguesa, acabou acusado

de ter abandonado o CEP, por impedir o envio de uma terceira divisão para França e permitir a permanência em Portugal dos militares que vinham de licença.

A jovem República Portuguesa lutava para se afirmar no plano internacional. A instabilidade política dos governos republicanos e o constante clima de violência que acompanhou os primeiros anos da República causavam muita desconfiança em quase todos os regimes europeus. Entre toda a indiferença e desconsideração, a hostilidade inglesa relativamente a Portugal era a que mais incomodava e ressentia os políticos republicanos, aqueles mesmos que, vinte anos antes, ameaçavam pegar em armas contra a Inglaterra, na sequência do Ultimato de 1890.



FIGURA 2. Aspeto do setor português na Flandres. Um contingente militar a caminho das trincheiras (BNP, 1914-1918a).

Desde o seu início que a Grande Guerra fora entendida por Portugal como uma forma de consolidar o novo regime e alcançar o tão desejado reconhecimento internacional. Logo, em agosto de 1914, o governo português reafirmou a velha aliança anglo-portuguesa e mostrou-se disponível para participar no conflito. Contudo, encontrou na própria Inglaterra o principal opositor a este desejo bélico. O único interesse britânico consistia na manutenção da neutralidade portuguesa, situação que, para os republicanos radicais, era insustentável. A participação na guerra daria a Portugal o protagonismo que o novo regime ansiava.

Apesar de todas as ambiguidades inglesas, em setembro de 1914, será a França a manifestar interesse numa participação portuguesa. A forte ofensiva alemã na Frente

Ocidental levava os aliados a prever uma possível utilidade da artilharia e da infantaria portuguesas. Com efeito, e sempre com as reticências inglesas como pano de fundo, Portugal acabou por enviar 56 canhões de 75 mm, invalidando-se a mobilização de tropas.

O decurso da guerra e as dificuldades sentidas pelos aliados acabaram por proporcionar as condições necessárias à cedência inglesa. O governo britânico solicitou a Portugal o confisco dos navios alemães fundeados nos seus portos, em troca de apoio financeiro. O governo português não perdeu a oportunidade e colocou a condição de só apreender os navios no contexto da aliança anglo-portuguesa, situação que abriria definitivamente o caminho à participação militar portuguesa.

Entretanto, a Alemanha declara guerra a Portugal após o arresto dos navios. A Inglaterra ainda tentou que Portugal se mantivesse somente preparado para a defesa das colónias e da metrópole. Contudo, a 15 de julho de 1916, acabaria por chegar o convite formal para integrarem as operações militares da Frente Ocidental.

Nas negociações com os aliados, Portugal ficou responsável por garantir 12 km de frente no setor inglês na Flandres, através de uma força de 55000 soldados e 1000 artilheiros. O corpo de exército estava dividido em duas divisões, que começaram a embarcar em janeiro de 1917 (Ramos, 1994, pp. 494-500).

A participação portuguesa ficaria definitivamente marcada pela célebre batalha de La Lys. A II.^a Divisão do CEP estava entrincheirada na linha da frente há muito tempo, sem ser rendida, situação que gerava constantes tumultos e insubordinações. As chefias militares, portuguesa e inglesa, tinham consciência do perigo da situação e previa-se a rendição. Contudo, o ataque brutal desencadeado pelos alemães ao corpo expedicionário inglês, a partir de 21 de março de 1918, veio alterar os planos. A divisão portuguesa teve que segurar a frente, numa fase em que também se intensificavam as ofensivas sobre a linha defendida pelo CEP.



AUSTRALIAN WAR MEMORIAL

A03434

FIGURA 3. Perspetiva sobre uma trincheira no setor português (AWM, 1914-1918).

Finalmente, a 8 de abril de 1918, a divisão do CEP começou a retirar. No entanto, na madrugada de 9 de abril, a frente portuguesa sofre o mais violento ataque de sempre, que se traduziu numa derrota total. Com os bombardeamentos intensos a apoiar a infantaria alemã, os militares portugueses foram surpreendidos pela retaguarda, à medida que o CEP se desintegrava. Nesse confronto, muitos acabaram por se render, sendo feitos prisioneiros e enviados para campos de detenção alemães. Foram muitos os combatentes lousadenses que viveram este trágico acontecimento na primeira linha. Segundo os registos militares, pelo menos dois lousadenses morreram nesta batalha e um foi dado como desaparecido.

4. COMBATENTES LOUSADENSES NO TEATRO DE GUERRA AFRICANO

No contexto deste trabalho, apesar de o foco nesta fase da investigação incidir preponderantemente sobre a intervenção portuguesa na frente europeia, torna-se inevitável acerrar a questão da participação de combatentes lousadenses nas duas frentes do cenário de guerra africano. Embora admitindo que a mobilização para a frente europeia se vivenciou no País e, particularmente, em Lousada de forma mais traumática, e cristalizando-se mais profundamente na memória da população, a realidade que a frieza do número de mortos nos demonstra merece uma reflexão. Para um número de mobilizados consideravelmente menor, o número de militares lousadenses mortos nas duas frentes africanas, de Angola e Moçambique, ascende ao dobro dos verificados na frente europeia.

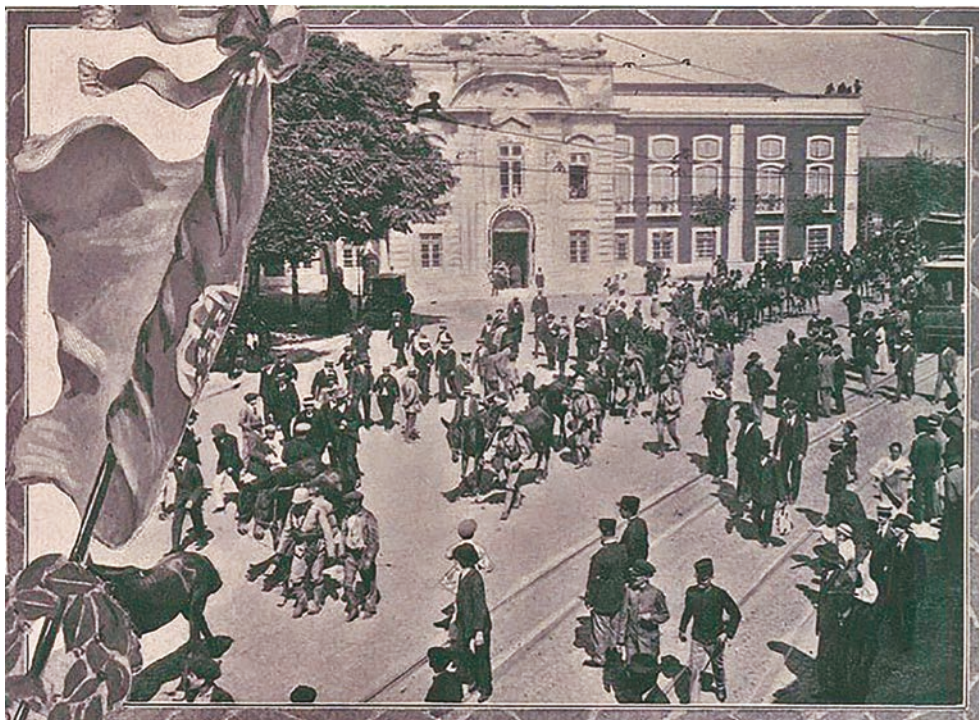


FIGURA 4. Chegada a Lisboa do Regimento de Artilharia de Montanha, de Portalegre (setembro de 1914). Os soldados lousadenses Miguel Teixeira Nunes, de Pias, e Manuel da Costa, de Santa Eulália de Barrosas, ambos falecidos em serviço, pertenciam a esta unidade militar (Chaves, 1914a).

Evidentemente, há razões válidas para que a frente africana seja algo desvalorizada relativamente à europeia, desde logo pela forma esmagadora com que ocorreu a mobilização para a frente europeia, demonstrada pela sua celeridade, pelo volume de militares e pelo carácter intimidatório que envolveu. No caso específico do Regimento de Infantaria 32, unidade mobilizadora dos combatentes de Lousada, as praças licenciadas foram convocadas em meados de junho de 1917, estando o contingente pronto a partir para o embarque a 10 de julho. Para além disso, as necessidades de tropas para a frente europeia mobilizaram mais de 170 militares lousadenses, entre julho e agosto de 1917.

De acordo com a estimativa apresentada pelo governo português na Conferência de Paz, a mobilização de tropas metropolitanas para África terá rondado os 34600 combatentes, ao longo dos quatro anos (Teixeira, 1998, p. 63). Não foi possível apurar o número de lousadenses que participaram neste teatro de guerra¹. Contudo, o número de mortos ascendeu a 16 militares.

Portugal interveio militarmente em África logo a partir de 1914, com o objetivo de defender as colónias das ambições expansionistas de outras potências coloniais. O interesse estratégico e económico das colónias portuguesas, especialmente Angola e Moçambique, motivara já conversações secretas entre a Alemanha e a Inglaterra, antes do início da guerra. Perante o quadro de um conflito mundial, estes territórios tornaram-se ainda mais apetecíveis, quer para anexação, quer para servir de moeda de troca nos mecanismos de compensação.

¹ Relativamente aos combatentes portugueses mobilizados para a frente africana, ainda não foi desenvolvido o trabalho arquivístico que permita identificar a origem geográfica desses militares.



FIGURA 5. O batalhão expedicionário proveniente do Regimento de Infantaria 14, de Viseu, à chegada a Lisboa e com destino a Angola (setembro de 1914). Neste contingente seguia incorporada uma força de 59 homens do Regimento de Infantaria 32, que saíra de Penafiel a 23 de agosto de 1914 (Chaves, 1914a).

Nome	Freguesia	Local e data de falecimento
Miguel da Silva	São Miguel de Lousada	Angola, 8/1/1919
António N...	Boim	Angola, 24/6/1919
Augusto Ribeiro	Lodares	Angola, 2/9/1915
Manuel José Rodrigues	Nevogilde	Moçambique, 11/2/1918
Miguel Teixeira Nunes	Pias	Moçambique, 17/2/1915
Vitorino Ferreira do Couto	Meinedo	Moçambique, data desconhecida
Agostinho de Oliveira	Silvares (?)	Angola, 22/5/1915
António Nunes Teixeira	Cristelos (?)	Moçambique, 8/1/1918
Joaquim Barbosa	Lodares	Moçambique, 11/3/1918
José Afonso	Nespereira	Moçambique, 21/9/1917
José da Silva	Silvares	Angola, 28/7/1918
Manuel da Costa	Santa Eulália	Moçambique, 6/1/1918
Domingos Ribeiro da Silva	Cristelos	Moçambique, 19/2/1918
Manuel Teixeira	Lousada	Moçambique, 14/12/1918
Claudino Morais	Sousela	Moçambique, 17/7/1916
António Ferreira da Silva	Silvares	Moçambique, 13/5/1917

TABELA 1. Lista de combatentes lousadenses falecidos na frente africana (Tela, 2014).

A consciência nacional deste problema garantiu que houvesse um alargado consenso político e social relativamente à defesa militar das colónias. Apesar disto, o quadro periférico em que esta intervenção se desenrolava não havia de suscitar uma declaração de guerra, mantendo-se Portugal como nação não-beligerante (Teixeira, 1998, pp. 56-57).

De Portugal seguiram vários contingentes para as duas frentes africanas, nos quais poderão ter embarcado militares lousadenses. Saídos concretamente do Regimento de Infantaria 32, temos notícia de um contingente constituído por 58 praças e um alferes, a 23 de agosto de 1914, para formar um batalhão expedicionário para Angola. A 5 de março de 1918, partia para Angola mais uma companhia com 250 praças, sete sargentos e dois oficiais, comandada pelo alferes Augusto Alberto Vieira (Ferreira, 2008, pp. 401, 487).

Com base no levantamento efetuado no âmbito do projeto *Memorial aos Mortos na Grande Guerra*, foi possível identificar os 16 lousadenses que morreram no teatro de guerra africano (Lopes, 2014).

5. MEMÓRIAS DE COMBATENTES

O objetivo principal, nesta fase de investigação, consiste na recuperação da memória de antigos combatentes naturais do concelho de Lousada ou que, por questões familiares, sociais ou profissionais, ficaram indelevelmente ligados a esta terra. O resgate de memórias e relatos, junto das famílias, e a obtenção de documentação relativa à sua participação na I Guerra Mundial constituiu uma das principais preocupações, que se

consubstanciou no registo, acervo e valorização de inúmeras espécies documentais de fundamental importância para a história recente do concelho².

5.1. O “CAPITÃO DE LAGOAS”



FIGURA 6. António do Couto e Vasconcelos (Arquivo de família).

António do Couto e Vasconcelos foi um dos mais distintos militares lousadenses, agraciado com o grau da Ordem Militar de Avis e com as Medalhas Militares de Comportamento Exemplar, da Vitória e da Batalha de La Lys. Embora nascido em Idães (Felgueiras), a 1 de fevereiro de 1883, tinha ascendência em Lousada. Era filho de José Couto de Magalhães, natural de Caí-de-de Rei, e de Ermelinda Amália Sampaio e Vasconcelos. A sua ligação a Lousada viria a ser fortalecida através do seu casamento, a 5 de outubro de 1921, com Maria Amália Nunes Pereira, natural de Casais. Depois de casado, radicou-se em Alto de Vinça (Casais), na povoação de Lagoas, onde faleceu a 21 de março de 1965, ficando popularmente conhecido por “Capitão de Lagoas”.

Após assentar praça como voluntário, em 1902, no Regimento de Infantaria de Guimarães, subiu rapidamente na hierarquia castrense. Já como alferes, integrou o CEP, embarcando, a 20 de janeiro de 1917, para França, onde permaneceu no *front* colocado no Batalhão de Infantaria 21, até setembro desse ano, altura em que transitou para instrutor de oficiais na Escola do CEP. A 17 de março de 1918, foi colocado no Batalhão de Infantaria 1, sendo de novo enviado para a frente de combate.

A 9 de abril de 1918, António do Couto e Vasconcelos está na linha da frente e será nessa circunstância que será feito prisioneiro pelos alemães e levado para o campo de Breesen, destinado aos oficiais. Quando libertado, ao fim de nove meses, a 9 de janeiro de 1919, já havia sido promovido a tenente, sendo novamente encaminhado para França, para o Serviço de Estatística do CEP, regressando definitivamente a Portugal a 12 de agosto de 1919, por via terrestre.

² Nesta missão, que foi a de identificar familiares de antigos combatentes, temos que mencionar a prestimosa ajuda de diversas pessoas e entidades. Desde logo, e muito especialmente, ao professor Luís Ângelo Fernandes, pelos incontáveis contactos de familiares de antigos combatentes que nos forneceu e por inúmeros outros recursos e referências que muito valorizaram este trabalho. Também ao Sr. João Maria Silva, incansável a localizar familiares na freguesia de Casais, e ao Dr. Pedro Magalhães, na freguesia de Nespereira. À Junta de Freguesia de Cristelos, Boim e Ordem e ao professor Eduardo Vilar, e à Junta de Freguesia do Torno, à D. Elisa Mesquita e ao Sr. Ribeiro, pela pesquisa que desenvolveram e pelos elementos muito úteis que disponibilizaram. A todos os familiares de antigos combatentes com quem contactámos e que referiremos no momento certo.

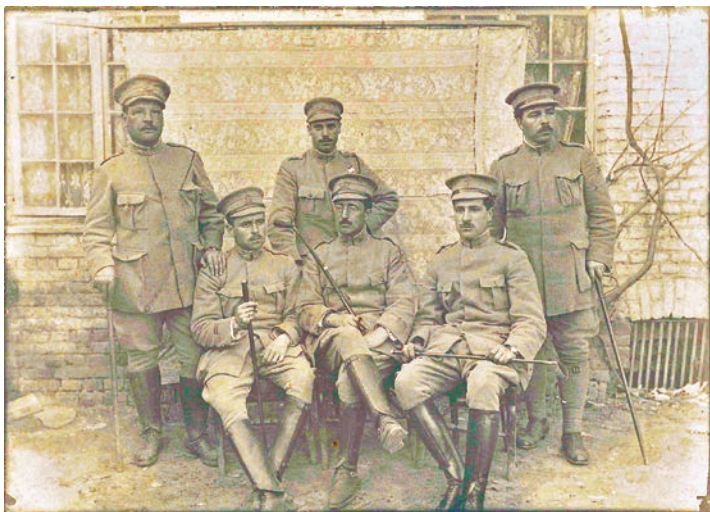


FIGURA 7. António do Couto e Vasconcelos (de pé, à direita) com um grupo de oficiais (Arquivo de família).

Em 1920, foi colocado no Regimento de Infantaria 32, em Penafiel, unidade territorial à qual pertencia, sendo nomeado diretor da Carreira de Tiro Civil de Crianças. Quatro anos volvidos, transitou para o Distrito de Recrutamento e Reserva, em Penafiel, com promoção a capitão, sendo, logo a seguir, destacado para a Infantaria 2, em Abrantes. Quando regressou, por uma queda na eira da sua propriedade, foi julgado incapaz para todo o serviço e reformado em fevereiro de 1938.

Através de uma planta da linha da frente, desenhada à mão, que está apropriadamente identificada como “Única

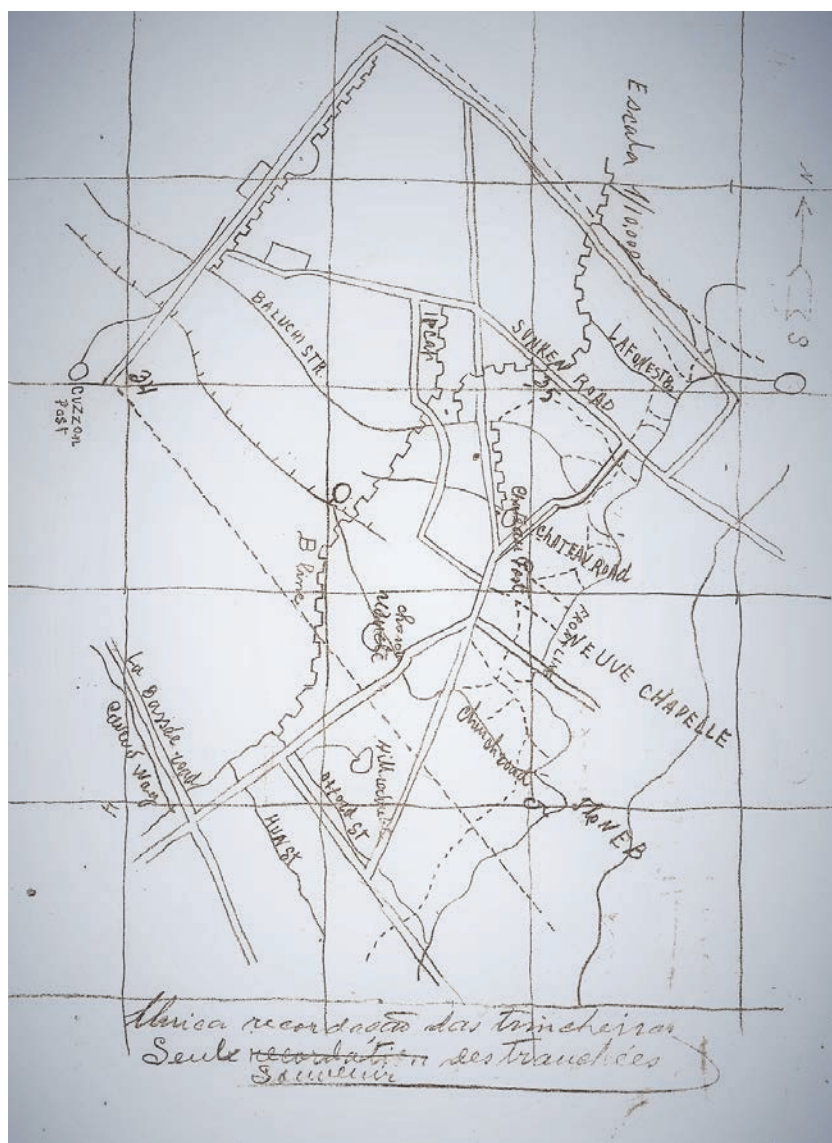


FIGURA 8. Planta do setor de Neuve Chapelle utilizada por António do Couto e Vasconcelos (Arquivo de família).

recordação das trincheiras”, será de admitir que António do Couto e Vasconcelos estaria colocado no setor de Neuve Chapelle. Nesta planta, fundamental para as ações de comando que lhe estavam confiadas, pode-se observar as principais estradas deste setor, as principais linhas de trincheiras e as suas ligações, redutos e outras indicações da topografia do terreno e das linhas de transmissões³.

Exerceu, igualmente, o cargo de administrador do concelho de Lousada e de vereador da Câmara Municipal de Penafiel⁴.

5.2. ANTÓNIO PACHECO DIAS DE BEJA

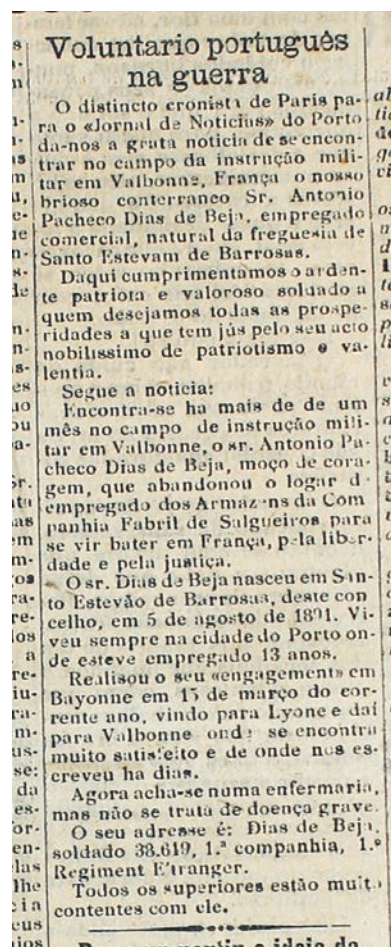


FIGURA 9. Excerto do *Jornal de Louzada* noticiando a presença de António Pacheco Dias de Beja na Legião Estrangeira (*Jornal de Louzada*, 1916, p. 2).

É considerado o primeiro combatente lousadense na frente europeia, destacando-se por se ter alistado como voluntário na Legião Estrangeira, integrando o *1er Regiment Étranger*. António Pacheco Dias de Beja nasceu no lugar da Boavista (Santo Estêvão de Barrosas), a 5 de agosto de 1891, filho de Joaquim Dias de Beja, empregado das Obras Públicas, natural de São Miguel das Aves (Santo Tirso), e de Margarida Pacheco Pereira da Cunha, de Cernadelo. As características do trabalho do pai, que previam uma certa mobilidade, motivaram algumas mudanças de residência. Por isso, vamos encontrar a família a residir também em Idães (Felgueiras) e em Cedofeita (Porto). Antes de seguir para a guerra, foi empregado de armazém da Companhia Fabril de Salgueiros, uma das muitas fábricas de fiação do Porto, cidade onde viveu cerca de 13 anos.

Alistou-se como voluntário na Legião Estrangeira, chegando, a 15 de março de 1916, a Bayonne, seguindo para Lyone e, depois, para o campo de instrução militar de Valbonne, integrado no *1er Regiment Étranger*, como soldado, com o n.º 38619 (*Jornal de Louzada*, 1916, p. 2). Desconhecemos as ações desenvolvidas por António Pacheco Dias de Beja durante o período em que esteve ao serviço da Legião Estrangeira, mas, pouco tempo após a chegada do CEP a França, alistou-se nesta unidade, permanecendo ao serviço do CEP durante mais de dois anos e mais dois anos ao serviço das comissões liquidatárias.

³ Agradecemos à família de António do Couto e Vasconcelos, em especial ao Sr. José Maria Vasconcelos, filho, a cedência de fotografias e documentos.

⁴ Sobre António do Couto e Vasconcelos ver também Fernandes (2014).

A passagem ao CEP efetivou-se a 14 de maio de 1917, sendo aumentado ao efetivo da 3.^a Companhia do Batalhão de Infantaria 35, unidade que estava integrada na 2.^a Brigada da 1.^a Divisão. A 23 de julho desse mesmo ano, foi promovido a 1.^o cabo e, a 6 de outubro, foi promovido a 2.^o sargento. Pela informação que foi possível obter, esta fase foi passada nas trincheiras. A 10 de outubro, apresentou-se no Quartel-General Central para adir à Secção de Comando, passando a adir à Secção Apeada, a 1 de dezembro. Nesta unidade desempenhava a especialidade de datilógrafo.

Manteve-se nesse serviço até ao fim da guerra e, a 15 de maio de 1919, apresentou-se em Paris, para fazer parte da Comissão Liquidatória do CAPI – Corpo de Artilharia Pesada Independente. Foi abatido ao efetivo do Quartel-General Central, em julho de 1919, por ter passado à Comissão de Evacuação e Liquidação do CEP. Ou seja, António Pacheco Dias de Beja integrou as duas comissões que negociaram as indemnizações a retribuir a Portugal por parte dos vencidos. Segundo o seu sobrinho, José Canongia Lopes, terá sido convidado por um oficial português, que lhe reconhecia as suas qualidades, a permanecer em França ao serviço destas duas comissões.

Não obstante a sua ação meritória na vertente do apoio administrativo que prestou ao Quartel-General Central e depois nas comissões de liquidação, António Pacheco Dias de Beja destacou-se na componente militar em diversas ocasiões.

Na monografia do Batalhão de Infantaria 35, da autoria do capitão Bernardino de Matos Tudela de Vasconcelos, conservado no Arquivo Histórico Militar, ficou relatado o *raid* alemão de 14 de agosto de 1917. Tratou-se de um ataque muito violento de artilharia, seguido de uma vaga de assalto por parte da infantaria. O ataque alemão incidiu sobre o ponto de separação dos subsectores esquerdo de Neuve Chapelle, defendido pelo Batalhão de Infantaria 35, e direito de Fauquissart, defendido pelo Batalhão de Infantaria 15. Enquanto a artilharia inimiga atingia as linhas de reserva, impedindo o reforço da 1.^a Linha, a infantaria avançava, defendendo-se sob as crateras dos morteiros. Apesar de a artilharia portuguesa começar a flagelar a nossa 1.^a Linha, com a intenção de conter o avanço inimigo, mas arriscando o sacrifício desses homens, a infantaria alemã consegue penetrar na ala direita do batalhão, tomando três postos e fazendo muitos prisioneiros.

No contexto deste ataque, o relatório menciona especificamente o nosso 1.^o cabo Beja, que então comandava um posto de metralhadora ligeira. Apesar de alguns homens mortos e outros feitos prisioneiros, António Pacheco Dias de Beja manteve a sua posição quase até ao fim. Apresentando já as mãos queimadas e impossibilitado de continuar o fogo, retirou e escondeu a metralhadora numa cratera. Na sequência desta atuação, recebeu um louvor, “porque, sendo chefe de uma metralhadora, defendeu com muito valor a entrada de forças d’assalto pelo ponto que guarnecia” (AHM, 1914-1918). Várias fontes são unânimes no sentido de atribuir o fim do ataque à morte do comandante alemão desta ofensiva, dispersando os seus homens sem comando, mas levando, contudo, dezenas de prisioneiros.

Com a retirada do inimigo, as forças portuguesas apercebem-se da quantidade de prisioneiros que o inimigo encaminhava já para as suas linhas. É neste momento que

o comandante da 4.^a Companhia do Batalhão de Infantaria 35, alferes Hernâni Cidade⁵, reunindo um grupo de soldados, “impeliu sobre o inimigo de baioneta em riste” (AHM, 1914-1918). As memórias do alferes Humberto de Almeida constituem um testemunho da violência com que se desenrolou este episódio, tudo levando a crer que o ataque foi, essencialmente, corpo a corpo e com recurso à baioneta (Almeida, 1919, p. 70). Integrado neste grupo que acompanhou o alferes Hernâni Cidade estaria o nosso combatente António Pacheco Dias de Beja. Por estas ações terá sido condecorado, em junho de 1919, com a Medalha da Cruz de Guerra de 3.^a Classe, criada para premiar atos e feitos de bravura praticados em campanha.

Apesar da sustentação documental e memorialista que vem apoiando estas informações, impõem-se algumas cautelas, prevalecendo a memória do próprio combatente sobre as demais, ou, pelo menos, condicionando a descrição sumária e regimental que, geralmente, acompanhava estes averbamentos na folha de matrícula dos militares. Sucede que António Pacheco Dias de Beja contava que tinha sido condecorado na sequência de um violento bombardeamento da artilharia inimiga, que interrompeu as transmissões entre os vários setores das trincheiras, oferecendo-se ele para levar, em mão, umas instruções a um setor vizinho, sempre debaixo de fogo. Quando chegou ao setor de destino verificou que tudo tinha sido arrasado e, para não voltar para trás, abrigou-se junto dos destroços até terminar o ataque. Familiares próximos contavam que ele, referindo-se despretenciosamente e com muita ironia a este episódio, dizia que “tinha recebido a medalha por ter tido o maior cagaço de toda a sua vida...” (Lopes, 2018).

António Pacheco Dias de Beja desembarcou em Lisboa, a 15 de julho de 1922. Desconhece-se se voltou para o Porto ou se alguma vez regressou a Lousada. Certo é que procurou organizar a sua vida em Lisboa, tendo casado nesta cidade, a 30 de junho de 1930, com Maria do Carmo Dias Canongia, não havendo filhos deste casamento. Viveram no Campo Pequeno e eram ambos amantes e praticantes de desporto – andavam muito de bicicleta e iam nadar à praia de Algés.



FIGURA 10. António Pacheco Dias de Beja (à direita) com amigos (Arquivo de família).

⁵ Hernâni Cidade irá destacar-se após a guerra como jornalista e professor universitário.

Profissionalmente, trabalhou em publicidade e, mais tarde, esteve ligado à fábrica Vidrotécnica, que detinha a marca Lusotermo. Como era um bom desenhador e fotógrafo, fazia parte da secção de design desta empresa. Gostava de se manter atualizado, especialmente durante a II Guerra Mundial, ouvindo regularmente as emissões da *BBC* e subscrevendo a revista *London News*. Tal como muitos combatentes da I Guerra Mundial, fez parte da Liga dos Combatentes, tendo mesmo assumido o cargo de vogal da comissão administrativa da Agência de Lisboa desta instituição.

Faleceu em Lisboa, a 3 de janeiro de 1959, com 67 anos de idade⁶.

5.3. ANTÓNIO TEIXEIRA DE BESSA, AUTOR DE UM RELATO IMPRESSIVO

Nasceu no lugar das Fogaças, na freguesia de Figueiras, a 11 de fevereiro de 1896. Era filho de Vitorino Teixeira e de Margarida de Bessa, lavradores caseiros. Casou na Conservatória do Registo Civil de Lousada, com Laura de Bessa Dias, a 8 de julho de 1924, e teve sete filhos deste casamento – dois rapazes e cinco raparigas. A 28 de junho de 1926, foi nomeado regedor interino da freguesia de Figueiras, cargo que exerceu ao longo de várias décadas de forma efetiva, até 1972. Faleceu em Figueiras, a 19 de março de 1981, com 85 anos. Durante a sua vida dedicou-se à atividade agrícola, gerindo as suas propriedades, e comercial, dirigindo uma mercearia no lugar do Ribeiro, em Figueiras.

Este combatente registou as suas memórias de guerra num pequeno bloco de notas que identificou com a seguinte abertura: “Este libro tem todas as minhas pasagens de meu estar em França” (Bessa, 1917-1918, fl. 1v)⁷. A narrativa é organizada cronologicamente, desde a chegada a Brest, a 29 de setembro de 1917, até ao dia 9 de abril de 1918, data da mais fatídica ofensiva alemã sobre o setor português, historicamente desig-



FIGURA 11. António Teixeira de Bessa (Arquivo de família).

⁶ A descoberta de familiares do combatente António Dias de Beja foi verdadeiramente entusiasmante, pois, a nível local, não havia qualquer rasto da sua memória. Foi graças ao invulgar nome de família da esposa que conseguimos localizar familiares, neste caso, sobrinhos, residentes em Lisboa. Ao Sr. José Canongia Lopes queremos agradecer a amável solicitude com que recebeu o nosso contacto e aceitou a partilhar algumas memórias, fotografias e documentos de família acerca do seu saudoso “tio Beja”.

⁷ Este bloco permanece na posse dos netos de António Teixeira de Bessa. Pelo valor histórico deste relato, o texto integral será publicado em oportunidade futura.

nada por Batalha de La Lys. A precisão das datas e das horas registadas para os eventos relatados demonstram que o registo foi efetuado ainda com uma memória muito viva dos acontecimentos. É admissível que este bloco de apontamentos tenha acompanhado António Teixeira de Bessa durante a sua estadia em França ou, pelo menos, terá servido para copiar anotações avulsas recolhidas noutra suporta.

O relato ocupa as primeiras dezoito páginas, distinguindo-se por assinalar momentos marcantes da participação portuguesa na guerra, como o início da ofensiva de março de 1918, que culminou no dia 9 de abril. Mas também por registar episódios que marcaram emotivamente António Teixeira de Bessa, como o lançamento de granadas sobre Laventie, a falta de descanso ou a fuga desordenada da frente, no dia 9 de abril, e o encontro com o general Gomes da Costa. O relato termina de forma repentina, dando a sensação de que não foi concluído. Após esta narrativa de eventos militares, sucede-se uma série de poemas de canções que, certamente, circulavam pelas trincheiras, animando os soldados nos momentos mais sossegados. É o caso da letra da canção *O cigarro do soldado*, um outro poema intitulado *Arquivo da Mouraria*, um poema descrito somente como *Canção Portuguesa*, que assinala o sucesso dos portugueses junto das mulheres francesas, e, por fim, um conjunto de poemas atribuídos a um tenente Soares, do Batalhão de Infantaria 24.

A sua unidade de recrutamento em Portugal foi o Regimento de Infantaria 31 (Porto), fazendo parte da 2.^a Companhia. Segundo o registo na sua folha de Matrícula, embarcou em Lisboa, a 12 de setembro de 1917, com destino a Brest. Contudo, segundo o seu relato escrito, só chegou a Brest a 29 de setembro, facto que parece indicar que o embarque terá sido adiado por vários dias, uma vez que a viagem demorava apenas três dias. Permaneceu na cidade costeira de Ambleteuse durante praticamente quatro meses, de 2 de outubro a 29 de janeiro. Nesta cidade, o CEP tinha a sua base, onde todos os militares acantonavam antes da entrada nas trincheiras.

Passado esse tempo em Ambleteuse, dedicado essencialmente a instrução de combate, António Teixeira de Bessa foi incorporado no Batalhão de Infantaria 11, dirigindo-se para as linhas da frente, onde deu entrada na noite de 29 de janeiro. Logo na manhã do dia seguinte, assistiu a um combate envolvendo aviões. Nesse confronto, os alemães abateram um avião inglês, que foi cair junto a uma bateria de artilharia, no setor português. De acordo com o seu relato, António Teixeira de Bessa terá experimentado o primeiro contacto com os efeitos nefastos da guerra no dia 4 de fevereiro. Andando a passear pelas ruas de Laventie, por volta do meio-dia, caíram granadas inimigas sobre a povoação, vitimando um soldado português. Procurando auxiliar este soldado, um grupo de militares foi atingido por uma segunda granada, com a mesma direção, que fez, desta vez, 11 mortos, 10 portugueses e um oficial inglês.

Após uma estadia nas linhas da frente, as tropas eram rendidas para poderem usufruir de algum descanso na retaguarda. No dia 7 de fevereiro, o Batalhão de Infantaria 11 foi rendido e marchou para Paradis, a cerca de 8 km de Laventie. Nessa localidade tinham instrução, mas o que mais destabilizava os militares era o facto de terem que ir reparar o arame farpado às trincheiras, saindo de madrugada e regressando à noite. O nosso combatente queixa-se exatamente desta situação, em que quase todos os dias eram expostos aos perigos das trincheiras, mesmo estando a cumprir um período de

descanso de 45 dias. Por fim, o recrudescer das ações ofensivas do inimigo, no início de março de 1918, acabou por ditar a mobilização do Batalhão de Infantaria 11 para as linhas da frente, ao fim de apenas 26 dias de descanso.

O quotidiano nas trincheiras, durante esse mês de março, consistia em passar cinco dias na linha da frente e cinco dias na linha de apoio ou de reserva. Entre 10 e 25 de março, o Batalhão de Infantaria 11 esteve na linha da frente, registando-se, nesse período, sete mortes. A 15 de março, foram rendidos e deslocaram-se para Pont du Hem, mas todos os dias iam trabalhar às linhas. Esta circunstância motivou o desabafo: “Assim andávamos 5 dias fora e 5 dentro, mas sempre debaixo de fogo à mesma” (Bessa, 1917-1918, fl. 5v).

Neste contexto de grande pressão sobre o setor português e de consequente desgaste das capacidades físicas e psicológicas dos combatentes, António Teixeira de Bessa terá baixa ao hospital, sem que se conheça o motivo, a 22 de março, apesar de o respetivo registo na sua folha de matrícula mencionar o dia 23. Segundo a mesma folha, só obteve alta a 14 de abril para o Depósito Militar. Contudo, nas suas memórias, afirma que teve alta a 7 de abril, lamentando-se, ironicamente: “Logo por sorte tive alta para ir tomar parte na ofensiva de 9 de abril” (Bessa, 1917-1918, fl. 5v).



FIGURAS 12 E 13. Diário de memórias de António Teixeira de Bessa.

O ataque alemão ao setor português começou às 4h15 de dia 9 de abril, mas desses primeiros momentos António Teixeira de Bessa não nos deixou nenhum relato. A memória deste combatente incidiu principalmente no momento da retirada. O Batalhão de Infantaria 11 integrava a 6.^a Brigada de Infantaria, que ocupava o setor de Neuve Chapelle e tinha o seu Quartel-General em Huit Maisons. Na primeira linha estava o

Batalhão de Infantaria 1 e o Batalhão de Infantaria 2, tendo como apoio o Batalhão de Infantaria 11 e, em reserva, o Batalhão de Infantaria 5. Ou seja, no momento da ofensiva alemã, a unidade em que António Teixeira de Bessa estava integrado ocupava a Linha B, ou linha de apoio, ligeiramente recuada em relação à 1.ª Linha (Afonso, 2018)⁸.

Este combatente refere que somente às 10h30 houve ordem superior para retirar. Por esta altura, o seu batalhão já tinha recuado para a 3.ª Linha, estando já as duas primeiras linhas tomadas pelo inimigo, que se aproximava em força. Muitos militares já tinham retirado mesmo antes de receberem ordem nesse sentido. No entanto, conta António Teixeira de Bessa, ele manteve-se no posto até esse momento.

A retirada foi caótica, como se depreende das suas memórias, informação que confere com a de outros combatentes e com os relatórios de algumas unidades. Em sintonia com essas outras fontes de informação se inscreve a percepção deste combatente de como o ataque se efetuava: barragem de artilharia muito violenta sobre as posições portuguesas, seguida da infantaria, que, na sua passagem, fazia muitas vítimas e prisioneiros.

Durante uma hora e meia, António Teixeira de Bessa fugiu à frente do inimigo sem conseguir colocar a máscara de gás. Por fim, conseguiu chegar a Pecqueur, onde ainda encontrou posições portuguesas instaladas, designadamente a Ambulância 8. Neste local dá-se o episódio mais peculiar desta narrativa, em que o nosso combatente se encontra e troca algumas palavras com o general Gomes da Costa. O comandante da 2.ª Divisão, recentemente nomeado, constatando que o soldado vinha com sintomas de ter sido gaseado, mandou que aguardasse para ser visto pelo médico. Contudo, a descarga de artilharia inimiga rapidamente se abateu sobre esta posição, pelo que foi ordenada a retirada. António Teixeira de Bessa subiu para um camião, que foi atingido por fogo inimigo, não havendo, no entanto, vítimas. Seguiu com o mesmo contingente automóvel, chegando a Saint Venant, onde se localizava o Hospital de Sangue n.º 2. Daí foi evacuado para a Ambulância 5, onde chegou já de noite, seguindo depois para a Ambulância 4.

É neste ponto que o relato de António Teixeira de Bessa se interrompe de forma inesperada, ficando a ideia de que iria ter continuidade. Contudo, o que se segue são já as letras das canções de que fizemos menção. O soldado António Teixeira de Bessa ainda se manteve em França por mais um ano, mas supomos que não tenha voltado a combater. O facto de estar ferido, por inalação de gases, com a consequente baixa ao hospital para tratamento, tê-lo-á dispensado de voltar a ser incorporado numa das unidades inglesas que obrigaram os alemães a recuar à fronteira do rio Escalda, movimentação militar determinante para o Armistício, a 11 de novembro de 1918, que impôs o cessar-fogo na Frente Ocidental.

Regressado de França, António Teixeira de Bessa teve oportunidade de partilhar muitas memórias com os filhos e com os netos. Atualmente, os seus netos são os conservadores dessas recordações contadas especialmente ao serão, junto ao lar. O seu neto, Jorge Peixoto, que ainda conviveu com o avô durante vários anos, recorda que a fome

⁸ Para uma ideia mais precisa da organização das linhas e do posicionamento das unidades militares veja-se Henriques e Leitão (2001, pp. 18, 74-75).

vivida na frente de guerra foi um dos principais temas de conversa. As dificuldades logísticas no abastecimento de bens alimentares limitaram muito a qualidade e frequência das rações. Por outro lado, as rações inglesas não correspondiam aos gostos alimentares portugueses, levando a que, principalmente os soldados, por falta de recursos para acederem a outros bens, acabassem por aproveitar os poucos legumes que sobreviviam nos campos. Por vezes, numa quinta abandonada, alguns enlatados esquecidos também eram aproveitados. No entanto, o medo dos envenenamentos, particularmente por via dos gaseamentos constantes na linha da frente, levava os soldados a ter algumas precauções. Segundo António Teixeira de Bessa, antes de comerem qualquer alimento encontrado davam-no a experimentar a um animal, esperando pela reação.

O relato escrito deixado por António Teixeira de Bessa afirma-se com destaque de entre os inúmeros outros legados deixados por antigos combatentes às suas famílias. Constitui-se como um documento de história pessoal, sem dúvida, mas inscrevendo-se com relevo no acervo documental que hoje nos permite recuperar a história da sua unidade militar, o Batalhão de Infantaria 11, e, globalmente, da participação portuguesa na I Guerra Mundial⁹.

5.4. JOSÉ RIBEIRO DE MAGALHÃES

Nasceu em Boim, no lugar de Real, a 16 de dezembro de 1892, filho de Agostinho Ribeiro de Magalhães e de Maria Madalena Teixeira. Casou em Meinedo, em 1919, com Ana Pereira Pinto, natural desta freguesia e residente no lugar do Reguengo, tendo nascido aí o primeiro filho. Contudo, a vida de lavrador caseiro levou-o a fixar-se por várias freguesias, especialmente nos primeiros anos de casamento, tendo tomado conta de uma quinta no lugar da Aldeia, em Silvares, e de outra propriedade em Nogueira. Por volta de 1926, regressou a Meinedo, onde dirigiu uma quinta no lugar de Casais, vivendo numa casa próxima do apeadeiro. Mais tarde acabou por adquirir um terreno no lugar da Lage, onde construiu casa. Foi comprando terrenos até poder viver exclusivamente da agricultura, por conta própria, sendo reconhecido pelo cultivo de melões e melancias e pela criação de gado.

Na vida civil obteve um certo reconhecimento pessoal, tendo ocupado o cargo de cabo de polícia, ou cabo de ordens, um colaborador próximo do re-



FIGURA 14. José Ribeiro de Magalhães (Arquivo de família).

⁹ Estamos muito gratos à família de António Teixeira de Bessa, aos seus netos, particularmente, pela cédência dos elementos escritos e fotográficos e pela partilha de memórias e informações acerca deste antigo combatente.

gedor. A guerra marcou-o profundamente, conforme o testemunharam os familiares que conviveram com ele. Em certo momento de aflição maior, durante o conflito, prometeu a Nossa Senhora de Lourdes que, se viesse a ter uma filha, lhe daria o seu nome. Cumpriu o que prometera, dando o nome Lurdes à primeira filha que teve. Fisicamente, viveu sempre com as sequelas da inalação dos gases lançados pelos alemães na frente de combate. Os efeitos psicológicos da participação na guerra também o acompanharam, sofrendo de crises de ansiedade que o impediam de dormir. Faleceu em 5 de maio de 1957, com 64 anos de idade, na sua residência no lugar da Lage, em Meinedo, e está sepultado no seu jazigo no cemitério local¹⁰.

Este combatente legou um dos testemunhos escritos mais impressionantes do quotidiano dos soldados portugueses na I Guerra Mundial, com a característica invulgar de registar essas memórias em versos. Para além dos aspetos mais relacionados com a vida militar e o contexto dos combates na linha da frente, José Ribeiro de Magalhães desenvolve quase uma história de vida dos seus anos de juventude, motivada por esse choque que constituiu a mobilização para a guerra. À semelhança de muitos outros combatentes, o nosso protagonista já tinha cumprido o serviço militar, estando já licenciado. Contudo, a declaração de guerra à Alemanha por parte de Portugal desencadeou uma mobilização que incidiu sobre as classes de recrutas desde 1908, ou seja, para se obter o contingente militar previsto foi necessário mobilizar homens que já tinham feito a recruta há vários anos e regressado à vida civil.

José Ribeiro de Magalhães, integrado no 1.º Batalhão do Regimento de Infantaria 32, partiu da estação de Novelas, em Penafiel, no dia 10 de julho de 1917, num comboio especial, de 30 carruagens, com destino a Lisboa (Ferreira, 2008, p. 469). No dia 14 desse mês, embarcou num navio de transporte de tropas. A viagem até ao porto de Brest durava, em condições normais, três dias. Contudo, como a data de embarque no navio nem sempre correspondia à data de partida, torna-se difícil estimar em que dia chegou à costa francesa.

A 4 de outubro de 1917, foi colocado na 2.ª Companhia do Batalhão de Infantaria 35, com o posto de soldado e o n.º 498, usando a placa identificativa n.º 21552-A. Terá dado entrada nas trincheiras a 20 de agosto. No dia 31 de março de 1918, baixou à Ambulância 7. Contudo, a folha de matrícula não nos fornece mais pormenores acerca das causas que o levaram a receber tratamento médico, tudo indicando, segundo relatos da família, que fora devido a um ferimento sofrido em combate. O regresso a Portugal desenrolou-se em condições muito desagradáveis, devido ao elevado número de soldados feridos e doentes. Perante estas circunstâncias, José Ribeiro de Magalhães, que vinha ferido e muito fraco, temeu que não chegasse com vida a Portugal. Segundo a família, ao apeiar-se na estação de Novelas, fez o caminho todo a pé pelo meio dos campos, com pudor de ser visto naquele estado tão debilitado.

As memórias de vida e de guerra que nos legou, e que a família conserva num peque-

¹⁰ Devemos a quase totalidade destes aspetos da vida privada e social de José Ribeiro de Magalhães ao testemunho dos familiares, particularmente dos seus netos, a quem agradecemos toda a disponibilidade e cedência de informações, documentos e fotografia.

no bloco de apontamentos, constituem um documento muito estimável. Esta história, contada em versos, embora não se detenha sobre episódios específicos relativos a ações militares, transmite uma emotividade que não é muito frequente nos relatos mais técnicos e circunstanciais. Destes versos sobressaem os sentimentos mais genuínos de um jovem que se confronta com a perda de tudo o que dava por adquirido, mesmo para a mais singela existência da vida rural. Certamente que as emoções vivenciadas por José Ribeiro de Magalhães seriam apropriadas à grande maioria dos soldados portugueses que participaram na I Guerra Mundial:

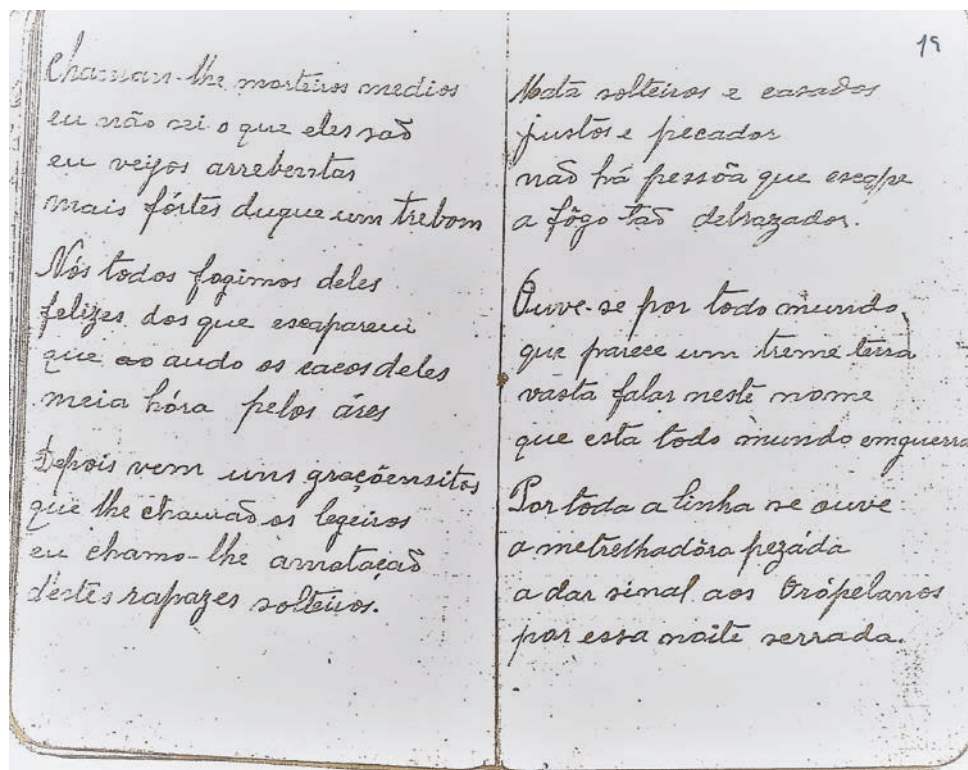


FIGURA 15. Excerto das memórias em verso de José Ribeiro de Magalhães.

“[...]

Já sei que vou para a guerra
Para matar ou para morrer
Adeus campos e jardins
Que vos não torno a ver.

Adeus rapazes do meu tempo
Cachopas da minha idade
Perdoai-me os tempos passados
Que me roubaram a liberdade.

[...]

Eu cá vou para o vapor
Triste de meu coração
Adeus Portugal querido
Eu cá bou na espedição.

Já desembarquei em Breste
Para a trincheira vou partir
Muita fome bou passar
E noites e dias sem dormir.

Agora chiguei a elas
E que eu posso contar
Metido nesta prisão
Ninguém me pode soltar.

Os pés metidos em lodo
Encostado ao parapeito
Ao fogo do inimigo
Com o coração sojeito.

Só Deus me pode valer
Nesta trincheira metido
Com o meu corpo sujeito
Ao fogo do inimigo.

[...]” (Magalhães, 1917-198, fls. 5v-8)

5.5. LUÍS CARVALHEIRAS DOS SANTOS E JOAQUIM CARVALHEIRAS DOS SANTOS

Com uma diferença de apenas dois meses, estes dois irmãos embarcaram para França, inseridos no contingente do CEP. Luís foi o primeiro a partir, a 14 de julho de 1917, sem saber ainda que o irmão, Joaquim, também viria a ser mobilizado, embarcando a 12 de setembro de 1917. Os pais, António Carvalheiras dos Santos e Emília da Conceição, viram assim dois filhos requisitados pela República para o serviço da pátria.

Luís Carvalheiras dos Santos nasceu em Vilar do Torno e Alentém, no lugar do Forno, a 25 de novembro de 1892. Casou com Maria do Carmo Pereira, a 4 de novembro de 1916, e deste casamento nasceu uma filha que só veio a conhecer quando regressou da guerra. Já tinha cumprido o serviço militar e procurava organizar a sua vida familiar, encontrando-se a tomar conta da quinta do Barral, em Vilar do Torno e Alentém. Faleceu na mesma freguesia, a 31 de dezembro de 1983.

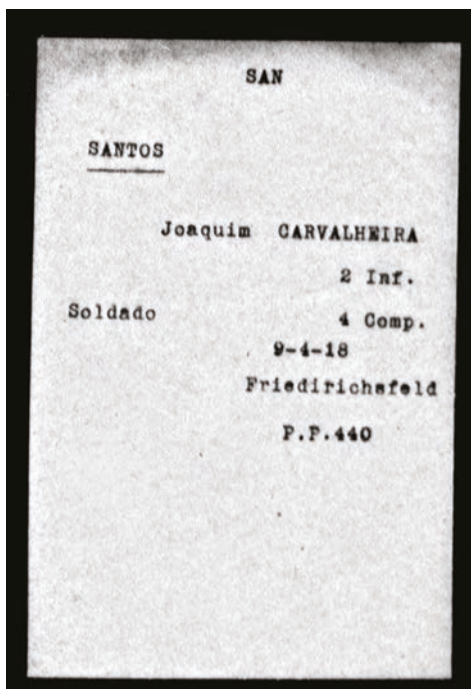
Joaquim Carvalheiras dos Santos nasceu no mesmo lugar e freguesia, a 22 de janeiro de 1896. Em 1950 foi para Angola, para a povoação de N'gola, perto do Lubango, onde veio a fixar-se também o seu filho António Carvalheiras dos Santos, que, anos depois, viria a abrir o Café Negola, em Caí-de de Rei. Casou, a 19 de março de 1921, com Ana Emília de Jesus.

Durante a guerra, estes dois irmãos tiveram sortes muito diferentes. Luís Carvalheiras dos Santos foi um dos poucos lousadenses colocados na célebre “Brigada do Minho”, a 4.ª Brigada da 2.ª Divisão, composta pelos Batalhões de Infantaria 20 (Guimarães), 8 e 29 (Braga) e 3 (Viana do Castelo), responsável pela defesa do setor de Fauquissart. Terá participado na Batalha de La Lys, embora os registos não nos confirmem. Contudo, uma memória familiar relata o facto de, perante um ataque violento do inimigo, ter de fugir da trincheira, ajudando um oficial que tinha perdido uma perna. Esta terá sido, porventura, a imagem mais marcante da vida militar de Luís Carvalheiras dos Santos.

Joaquim Carvalheiras dos Santos foi mobilizado mais tarde e esteve presente na Batalha de La



FIGURA 16. Luís Carvalheiras dos Santos (à direita) e o amigo Adriano (Arquivo de família).



FIGURAS 17 E 18. Registos de prisioneiro de guerra do soldado Joaquim Carvalheiras dos Santos (ICRC, 1914-1918a, 1914-1918b).

1	2	3	4	5	6
a) Prisioneiro	b) Nome (se não for o nome do prisioneiro)	c) Nome do prisioneiro	d) Nome do prisioneiro	e) Nome do prisioneiro	f) Nome do prisioneiro
43	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
44	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
45	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
46	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
47	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
48	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
49	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
50	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
51	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
52	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central
53	Santos	22 Inf	9-4-18	Westliche Steppe	San Antonio Central

Lys. A sua unidade, o Batalhão de Infantaria 2, ocupava o flanco esquerdo do setor de Neuve Chapelle e foi destruída durante o ataque pela 10.^a Divisão alemã. Embora se salvasse sem ferimentos, foi feito prisioneiro pelos alemães, sendo levado para o campo de Friedrichsfeld. O seu filho, António Carvalheiras dos Santos, conta que o pai conseguiu estabelecer contacto com a família durante o cativeiro, pedindo que lhe enviassem sabão, que depois conseguia trocar por alimentos.

Entre os familiares recorda-se um encontro fugaz que os dois irmãos terão tido quando as suas unidades, durante as movimentações militares, se cruzaram. Reconhecendo-se, não terá havido tempo para mais que um abraço. Só se tornariam a ver em meados de 1919, quando Joaquim foi libertado¹¹.

5.6. ABEL COELHO, NAS DUAS FRENTES

A presença numa frente de guerra tão violenta como a europeia ocidental já constituiria um grande sacrifício, mas, no caso do soldado Abel Coelho, embora ele não o pudesse prever, esse esforço ser-lhe-ia exigido duplamente. Com efeito, Portugal esteve envolvido em duas frentes de guerra entre 1914 e 1918. Muito antes da declaração de guerra da Alemanha a Portugal, já havia combates nas colónias portuguesas em África, em Angola e Moçambique.

Abel Coelho apresentou-se como voluntário e foi incorporado numa das primeiras unidades mobilizadas para seguir para Angola. Embora persistam dúvidas, é possível que tenha seguido num contingente oriundo do Regimento de Infantaria 32, partindo de Penafiel, a 23 de agosto de 1914, com destino a Viseu, onde viria a incorporar no Regimento de Infantaria 14 e formar um batalhão expedicionário (Ferreira, 2008, p. 401). Segundo se consta, Abel Coelho ofereceu-se como voluntário em substituição de outro militar, em troca de uma quantia de dinheiro¹².

Este combatente nasceu em Casais, no lugar da Courela, a 20 de dezembro de 1893, e era filho de Belchior Coelho, carpinteiro, natural de Nevogilde, e de Maria Justina de Queirós, costureira, natural de Figueiras. Casou civilmente com Alcina Neto, natural de Lustosa, a 29 de maio de 1920. Na sua vida civil foi encarregado da Quinta da Tapa-da, em Casais. Como a esposa residia em Covas, quando casaram ficaram a viver nessa freguesia, numa casa da Junta de Paróquia que existia em frente à igreja. Talvez pela proximidade, ficou encarregado de tocar o sino da igreja de Covas.

Embarcou em Lisboa, a 14 de julho de 1917, sendo colocado na 9.^a Companhia do Batalhão de Infantaria 12, no dia 23 de agosto, ficando com o n.º 721. Baixou por duas vezes aos serviços de saúde, aparentemente por situações sem gravidade, visto ter tido alta ao fim de pouco tempo. No dia 9 de abril, a sua unidade estava acantonada junto

¹¹ Agradecemos aos netos de Luís Carvalheiras dos Santos a cedência de fotografias e de outras informações relacionadas com a vida deste combatente. Ao Sr. António Carvalheiras dos Santos, filho de Joaquim Carvalheiras dos Santos, agradecemos, igualmente, as informações e memórias partilhadas.

¹² Informação prestada pelo seu neto, Abel Coelho Ferreira, a quem agradecemos a disponibilidade e a cedência de fotografias.

a La Gorgue, recuada da linha da frente. Apesar da distância que os separava da linha da frente, cerca de 4,5 km, o fogo da artilharia alemã atinge posições muito próximas desta unidade. Perante esta circunstância, a unidade foi tomar posições na 2.^a Linha, em frente à ribeira de La Havre, juntamente com uma força inglesa de artilharia ligeira. Depois de destroçar os Batalhões de Infantaria 1 e 11, a 35.^a Divisão do 6.^o Exército Alemão avançou sobre uma planície em direção a La Gorgue, até encontrar o Batalhão de Infantaria 12, que conseguiu conter o avanço até às 18h00 do dia 9 de abril. Por fim, a falta de munições obriga o Batalhão de Infantaria 12 a retirar para lá do Canal de La Lys¹³.

Abel Coelho falava muito sobre a guerra, lembrando a brutalidade dos combates corpo a corpo, quando a proximidade do inimigo apenas apelava ao recurso à esgrima de baioneta e ao uso da força física na luta pela vida. Também referia que fora escalado para testemunhar um fuzilamento. Não temos dados que nos permitam esclarecer totalmente esta questão, mas, de facto, a única execução no CEP foi a do soldado João de Almeida, pertencente ao Batalhão de Infantaria 14, unidade que se integrava na 3.^a Brigada de Infantaria, à qual pertenciam os Batalhões de Infantaria 9, 12 e 15. Sabe-se que o pelotão de fuzilamento foi constituído apenas por militares do Batalhão de Infantaria 14. Contudo, nessa manhã, vários combatentes dos outros três batalhões desta brigada receberam uma convocatória para se apresentarem em Picantin, local da execução, muito próximo da povoação de Laventie, sem que soubessem o que iriam presenciar.



FIGURA 19. Abel Coelho e esposa (Arquivo de família).

5.7. ANTÓNIO DA SILVA MOREIRA

Nasceu em Boim, no lugar das Corgas, a 16 de dezembro de 1892, filho natural de Joana Arcanja, jornaleira. Casou civilmente, a 23 de novembro de 1922, com Maria Rosa de Jesus, natural de Boim, filha de Joaquim Regadas e de Maria Rosa de Jesus. António da Silva Moreira foi caseiro da Quinta da Fonte, em Boim, tendo vivido nesta freguesia durante uma grande parte da sua vida, sempre ligado à agricultura. Faleceu na fregue-

¹³ Este episódio foi testemunhado pelo então tenente Assis Gonçalves, da 3.^a Companhia do Batalhão de Infantaria 12 (Montalverde, 1967).



FIGURA 20. António da Silva Moreira (Arquivo de família).

sia de Ferreira (Paços de Ferreira), a 18 de outubro de 1978, estando sepultado no cemitério paroquial de Boim¹⁴.

Embarcou em Lisboa, a 14 de julho de 1917, com destino a Brest, porto de desembarque das tropas portuguesas incorporadas no CEP. A 4 de setembro desse ano, foi colocado no Batalhão de Infantaria 7, integrado na 2.^a Brigada de Infantaria, da I.^a Divisão. António da Silva Moreira, de acordo com a sua folha de matrícula, demonstrou um comportamento exemplar, não recebendo qualquer punição, apesar de a sua unidade ter protagonizado uma das mais graves revoltas em campanha.

Com efeito, a 4 de abril de 1918, muitos soldados deste batalhão, juntamente com alguns oficiais, recusaram-se a cumprir a ordem de marcha para a 1.^a Linha. Durante a noite, havendo ordem para a 2.^a Brigada dar entrada nas trincheiras, as praças recusaram-se e dispersaram aos tiros para o ar, gritando palavras de ordem. No dia seguinte, a situação agravou-se com a fuga armada de muitos soldados,

que foram acantonar numa povoação próxima. Foi necessário cercar os revoltosos, e só perante a ameaça de fogo de artilharia se resolveu a situação. Esta situação desencadeou a dissolução do Batalhão de Infantaria 7, sendo os soldados distribuídos por outras unidades, enquanto outros foram enviados para um Depósito Disciplinar, sendo os principais instigadores condenados a penas graves. Importa reter que este tipo de insubordinações e revoltas foi frequente, mas agravou-se à medida que a pressão alemã aumentava. O desgaste moral das tropas, motivado pelo cansaço e pela fome, e a falta de oficiais que não regressavam das licenças em Portugal, foram alguns dos motivos que estiveram na origem destes problemas (Marques, 2016, pp. 309-311).

Em resultado da dissolução do Batalhão de Infantaria 7, António da Silva Moreira foi colocado na 3.^a Companhia do Batalhão de Infantaria 34. O efeito mais direto destas duas situações para a vida daquele soldado foi o facto de não ter participado na Batalha de La Lys. Efetivamente, a 2.^a Brigada, que estava em posição de reserva, deveria ter rendido a 3.^a Brigada, que estava há um mês nas trincheiras, mas, perante os acontecimentos de 4 e 5 de abril, o comando optou por não efetuar essa rendição, que poria em causa a defesa do setor de Ferme du Bois.

Ora, a folha de serviço de António da Silva Moreira não regista factos relacionados com este grave incidente, admitindo-se que este combatente não terá tomado parte ativa nesta revolta. Pelo contrário, a sua conduta valera-lhe, cerca de um mês antes, um

¹⁴ Agradecemos aos netos de António da Silva Moreira, especialmente ao Sr. Albano Moreira, de Freamunde (Paços de Ferreira), a cedência da fotografia e de outras informações biográficas.

louvor “pela forma como desempenhou os trabalhos de reparação d’uma trincheira de comunicação do sub-sector de 14 a 19 do corrente [fevereiro de 1918], em que mostrou uma inexcusável boa vontade aliada à compreensão nítida da utilidade de reparações d’esta natureza para a defesa do referido sub-sector” (AHM, 1914-1918).

5.8. JOAQUIM RIBEIRO

Nasceu em Casais, no lugar da Vinça, a 3 de abril de 1892, filho de António Ribeiro, pedreiro, e de Emília de Jesus, jornaleira. Aos 20 anos, exercendo já o ofício de pedreiro, como o seu pai, foi chamado para cumprir o serviço militar, sendo alistado, a 29 de agosto de 1912, e incorporado no Regimento de Infantaria 32, de Penafiel, a 14 de janeiro do ano seguinte. Ficou pronto da escola de recrutas dessa mesma unidade a 28 de abril de 1913, com a especialidade de atirador especial. Cumpridas as obrigações militares, foi licenciado e domiciliou-se em Nespereira.

Com a entrada de Portugal no conflito mundial, o Regimento de Infantaria 32 avançou, conforme determinações do ministro da Guerra, com a convocatória de uma mobilização geral, que incidiu sobre todas as praças licenciadas e dadas como prontas das classes de 1908 até 1915 (Ferreira, 2008, p. 468). Conforme determinado na convocatória, Joaquim Ribeiro apresentou-se no quartel em Penafiel, às 11 horas do dia 17 de junho de 1917. Foi integrado no 1.º Batalhão do Regimento de Infantaria 32, que partiu da estação de Novelas, Penafiel, em comboio especial para Lisboa, a 10 de julho, embarcando para França, a 14 de julho de 1917.

Este combatente, talvez devido à sua especialidade na recruta, foi colocado no 3.º Grupo de Metralhadoras Pesadas, a 16 de agosto. Cada grupo de metralhadoras pesadas



FIGURAS 21 E 22. Caderneta militar de Joaquim Ribeiro (Arquivo de família).



FIGURA 23. Joaquim Ribeiro (Arquivo de família).

apoiava uma brigada de infantaria, dividindo-se em duas baterias, com oito metralhadoras Vickers, de 7,7 cm cada bateria. Um grupo de metralhadoras era constituído por 274 homens, em que 16 eram oficiais.

A 18 de janeiro de 1918, Joaquim Ribeiro foi ferido em combate, baixando ao Hospital de Sangue n.º 1, no mesmo dia, e evacuado sucessivamente para o Hospital de Sangue n.º 2 e para o Hospital Canadiano n.º 3. A gravidade dos ferimentos determinaram que fosse julgado incapaz para todo o serviço, a 9 de março, regressando a Portugal no dia 10 de abril de 1918.

Joaquim Ribeiro retomou a sua vida profissional e casou civilmente, a 24 de novembro de 1918, com Maria de Jesus. Foi promovido a 1.º cabo, em 18 de março de 1922, e a 2.º sargento, a 16 de agosto de 1923. Faleceu em Casais, a 30 de junho de 1977¹⁵.

5.9. ANTÓNIO ALVES E MANUEL ALVES

Oriundos da freguesia de Caíde de Rei, estes dois irmãos foram mobilizados quase simultaneamente. Manuel Alves, um pouco mais velho, nasceu no lugar da Boavista, a 16 de abril de 1893, enquanto António Alves nasceu já no lugar de Vila Verde, a 12 de novembro de 1895, ambos filhos de António Alves e de Carolina Augusta, jornaleiros. Manuel Alves casou com Maria Rosa Soares, natural de Meinedo, a 6 de julho de 1920, vindo a falecer em Caíde, a 16 de março de 1964. O irmão, António, casou com Antónia Joaquina de Freitas, a 22 de julho de 1921, e faleceu em Caíde, a 5 de junho de 1977.

Do ponto de vista das funções militares atribuídas no âmbito do CEP, estes dois irmãos tiveram destinos muito diferentes. Manuel Alves embarcou do cais de Alcântara, a 20 de agosto de 1917, e foi colocado no 6.º Grupo de Baterias de Artilharia de apoio à 4.ª Brigada de Infantaria, que ocupava o setor de Fauquissart. Integrado na 4.ª Bateria daquele grupo, que passou a estar incorporado no VI Corpo de Artilharia Inglesa após o desastre de La Lys, Manuel Alves participou na tomada das cidades de Lille e de Tournai, entre outubro e novembro de 1918. Regressou a Portugal, a 4 de maio de 1919.

Por sua vez, António Alves embarcou em Lisboa, a 21 de agosto de 1917, e foi colocado no Trem Divisionário da I.ª Divisão, a 2 de setembro, como soldado condutor da 3.ª Companhia de Equipagem, Trem de Bagagem e Víveres. Segundo a família, este combatente era responsável por conduzir mulas atreladas com alimentos, fazendo as-

¹⁵ À família de Joaquim Ribeiro, especialmente ao seu filho, Sr. Manuel Ribeiro, antigo militar da GNR de Lousada, queremos agradecer a cedência de documentos e fotografia.



FIGURA 24. António Alves (Arquivo de família).



FIGURA 25. Manuel Alves (Arquivo de família).

sim o abastecimento às tropas. Temos notícia de ter baixado à Ambulância 1, a 27 de dezembro de 1917, tendo alta a 1 de janeiro do ano seguinte. Regista-se uma punição na sua folha de matrícula, a 21 de janeiro de 1918, por ter respondido por outro soldado que estava a faltar à formatura. Regressou a Portugal, em 31 de maio de 1919¹⁶.

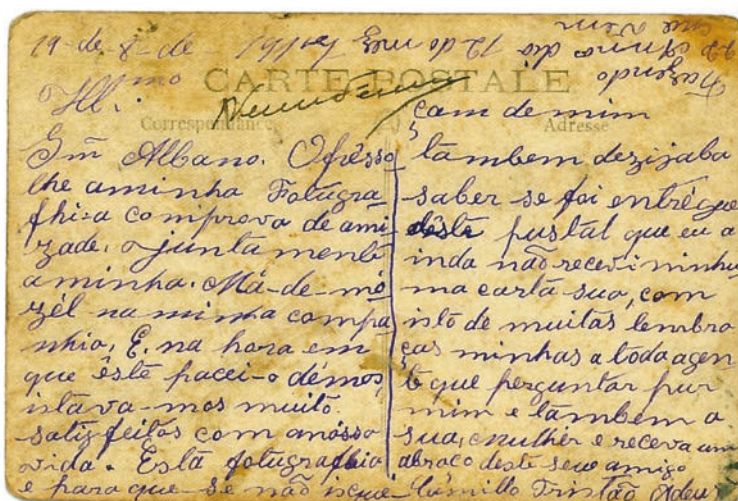
5.10. JOSÉ PEREIRA TRISTÃO E CAMILO TRISTÃO

Trata-se de mais um caso em que dois irmãos¹⁷, separados apenas por dois anos de idade, foram chamados a prestar serviço militar no enquadramento do CEP. José Pereira Tristão nasceu em Covas, a 9 de agosto de 1893, e casou com Rosa Coelho Ribeiro, natural de Sousela, na igreja do Bonfim, Porto, a 27 de março de 1917. Camilo Tristão nasceu na mesma freguesia, a 12 de setembro de 1895, desconhecendo-se se casou.

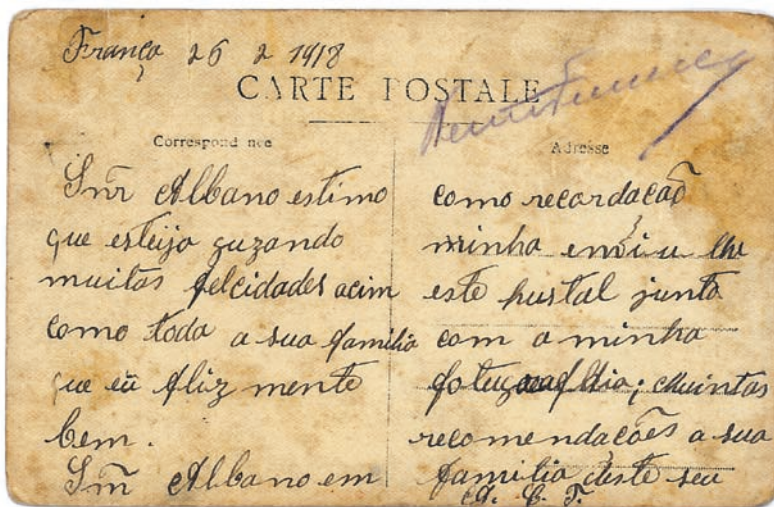
José seguiu para França mobilizado pelo Regimento de Infantaria 32, a 14 de julho de 1917, sendo depois colocado no Batalhão de Infantaria 9. Por sua vez, Camilo foi mobilizado pelo Regimento de Infantaria 18 (Porto), a 12 de julho de 1917, e ficou colocado numa unidade de morteiros. As folhas de matrícula destes dois soldados não acrescen-

¹⁶ Agradecemos aos familiares destes dois combatentes, em especial à D. Maria Ascensão Alves e à D. Sílvia Alves, filha e neta, respetivamente, de António Alves, e ao Sr. Manuel Augusto Moreira Alves, neto de Manuel Alves, pelas fotografias cedidas e outras informações relevantes.

¹⁷ Presumivelmente, um outro irmão, António Pereira Tristão, também foi mobilizado para o CEP, tendo ficado por França, onde casou. Contudo, não foi possível localizar os registos militares.



FIGURAS 26 E 27. Camilo Tristão e sua companheira (Figura 26) e verso da Figura 26 (Figura 27) (Arquivo particular).



FIGURAS 28 E 29. Camilo Tristão (Figura 28) e verso da Figura 28 (Figura 29) (Arquivo particular).



FIGURA 30. José Pereira Tristão (Arquivo de família).

tam muito mais informação, com exceção de uma punição que José Pereira Tristão recebeu, por se apresentar com o cabelo por cortar.

Ambos se estabeleceram em Angola, sobressaindo-se, no espírito empreendedor, José Pereira Tristão, conhecido, em Covas, pelo “Africano”. Regressou a Portugal, por volta de 1959, onde viveu, falecendo a 5 de julho de 1977, continuando a gerir os negócios que deixara em Angola, entre os quais se assinala a fábrica de tabaco SITAL – Sociedade Industrial de Tabacos de Angola Limitada, uma fábrica de sabão, a Padaria Estrela, em Luanda, e uma fazenda.

O seu irmão Camilo manteve-se em Angola, onde era proprietário de um comércio a retalho na cidade de Luanda, e onde veio a falecer, a 21 de julho de 1977¹⁸.

O facto mais curioso acerca destes dois combatentes acaba por ser os dois postais que Camilo Tristão envia para Portugal, ambos dirigidos a um Sr. Albano. Destaca-se uma fotografia tirada em uniforme militar, em que se faz acompanhar de uma senhora francesa, que Camilo identifica como “a minha má-de-mó-zél” (mademoiselle, em francês), datada de 19 de agosto de 1917. Um segundo postal, com a sua fotografia incluída, desta vez sozinho, sentado numa cadeira, com uniforme militar, está datado de 26 de fevereiro de 1918, indicando a data da fotografia.

A correspondência era, para muitos combatentes que não tinham a possibilidade de gozar as licenças em Portugal, o único meio de contacto com familiares e amigos. Contudo, o serviço postal do CEP era alvo de muitas críticas por parte dos militares, que se queixavam, desde logo, do serviço de censura, que procurava evitar a transmissão de missivas que pudessem revelar informações valiosas para os inimigos ou que pudessem abalar o moral da população em Portugal. A desorganização do serviço de correio do CEP deveu-se, em boa medida, à falta de transporte marítimo e também às muitas greves de funcionários, ocorridas em Portugal, ao longo do ano de 1918, motivando atrasos e até a falta de receção, situações que revoltavam os combatentes e contribuíram muito para a quebra moral das tropas (Marques, 2016, pp. 237-239, 252).

¹⁸ Um agradecimento muito especial à D. Paula Marques pela cedência das fotografias de Camilo Tristão e de Francisco Peixoto Soares de Moura, e pelas muitas informações familiares. Aos filhos de José Pereira Tristão, Sr. Fernando Tristão e Sr. Albino Tristão, um reconhecido agradecimento pelas informações e pela cedência de fotografias e demais documentação. Ao Dr. António Tristão, filho de Camilo Tristão, o nosso agradecimento por toda a colaboração.



FIGURA 31. Afonso Ribeiro Peixoto de Queirós (Arquivo de família).

5.11. AFONSO RIBEIRO PEIXOTO DE QUEIRÓS

Afonso Ribeiro Peixoto de Queirós, 2.º sargento, era natural de Lodares, onde nasceu, a 29 de novembro de 1895, na casa de Vilar. Era filho de Joaquim Eleutério Ribeiro Júnior e de Lucinda Augusta Magalhães Queirós, proprietários rurais. Casou, a 27 de janeiro de 1925, na casa do Outeiro, Lodares, com Olívia Leite Coelho de Meireles, natural de Pinheiro, Penafiel. Faleceu na Ordem da Lapa, Cedofeita (Porto), a 21 de março de 1971.

Foi colocado na 4.ª Bateria do 1.º Grupo de Baterias de Artilharia, operando, portanto, uma bateria de obus. A 26 de fevereiro de 1918, concluiu com aproveitamento o 1.º Curso de Observadores de Artilharia. A estes militares estava atribuída a tarefa de observar, através do ar ou em posições avançadas em terra, as posições do inimigo, por exemplo a origem do fogo de artilharia. Por meio de cálculos, determinavam essas posições e enviavam aos artilheiros a informação. A 16 de setembro de 1918, foi colocado no Depósito de Artilharia do Corpo.

Na I Guerra Mundial, a artilharia do CEP adotou o modelo britânico, organizando grupos mistos em que se combinavam três baterias de peças de 7,5 cm e uma bateria de obuses de 11,4 cm. As três baterias de 7,5 cm constituíam a 1.ª, 2.ª e 3.ª

Baterias do Grupo, sendo a bateria de obus a 4.ª Bateria. Cada grupo apoiava uma Brigada de Infantaria com duas peças de artilharia de 7,5 cm mais avançadas, devido à maior cadência de tiro, e as duas baterias restantes mais recuadas. O CEP teve seis Grupos de Baterias de Artilharia compostos da forma descrita. As peças de 7,5 cm eram francesas e os obuses 11,4 cm eram britânicos. Uma bateria de obuses era constituída por sete oficiais, 160 sargentos e praças, 36 cavalos e 100 muares, quatro obuses, 16 viaturas hipomóveis e uma bicicleta (Sousa, 2017a).

Afonso Queirós foi um dos combatentes que se destacou no tiro de obus durante a Batalha de La Lys, recebendo, em resultado disso, um louvor “pelo bom serviço de ligação com a 6.ª Brigada de Infantaria e pela dedicação com que ele e mais duas praças executaram o tiro de obuses com toda a correção e serenidade, durante o combate de 9 de Abril do corrente ano” (Comando de Artilharia da 2.ª Divisão do Corpo Expedicionário Português, 1918).

Afonso Queirós regressou da guerra doente, devido, principalmente, à inalação dos gases utilizados pelo inimigo durante os ataques. Profissionalmente, esteve sempre li-

gado à área da justiça, como escrivão de direito de diversos tribunais, entre os quais Penafiel, Arouca e São João Novo (Porto)¹⁹.

5.12. FRANCISCO PEIXOTO SOARES DE MOURA

Oriundo da Casa do Penedo, em Covas, Francisco Peixoto Soares de Moura nasceu nessa freguesia a 31 de agosto de 1893, filho de José Peixoto Pereira, natural de Casais, e de Adelaide Sofia Soares de Moura, de Meinedo, proprietários rurais. Foi regedor da freguesia de Casais, onde veio a falecer, a 26 de setembro de 1948. Era soldado do Regimento de Artilharia 6, sediado na Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, sendo mobilizado por esta unidade territorial para o CEP.

Este combatente relaciona-se com outros dois com os quais manteria relacionamento próximo. Era primo de José Peixoto Pereira, soldado do Batalhão de Infantaria 15, que, na Batalha de La Lys, foi dado como desaparecido, sendo capturado e feito prisioneiro pelos alemães. Possivelmente, também seria próximo de Camilo Tristão, pois ambos se correspondiam com o Sr. Albano Marques Pinto, de Covas, mencionado nos postais remetidos para Portugal.

¹⁹ Um agradecimento muito especial à professora Lúcia Ribeiro, que manteve, por afinidade familiar, uma relação muito próxima com Afonso Queirós, pela cedência de fotos, documentos e pela transmissão de memórias muito relevantes acerca deste militar.



FIGURAS 32 E 33. Fotografia postal de Francisco Peixoto Soares de Moura (Figura 32) e verso da Figura 32 (Figura 33) (Arquivo particular).

5.13. MANUEL PIRES TEIXEIRA DA MOTA



FIGURA 34. Manuel Pires Teixeira da Mota (Arquivo de família).

Nasceu em Silvares, a 22 de fevereiro de 1894, filho de José Teixeira da Mota, secretário da Câmara Municipal de Lousada e diretor do *Jornal de Louzada*, e de Maria das Dores Pinto Nogueira Pires. Casou na igreja de Figueiras, a 21 de fevereiro de 1942, com Maria de Jesus, do lugar do Tojeiro, Cristelos.

Depois de concluída a instrução no Regimento de Infantaria 32, a 30 de abril de 1915, mantém-se ao serviço efetivo, sendo promovido a 2.º cabo, a 4 de junho desse ano. Por troca, prestará mais um ano de serviço efetivo, a partir de 11 de setembro, e, a 20 de outubro, é promovido a 1.º cabo e depois a 2.º sargento, a 16 de maio de 1916. A 1 de junho do mesmo ano, passou ao 6.º Grupo de Metralhadoras Pesadas, sediado em Bragança²⁰.

Inserido nesta unidade militar da 6.ª Divisão (Vila Real) do Exército, Manuel Pires Teixeira da Mota tomará parte na Divisão de Instrução de Tanços, operação que ficou conhecida por “Milagre de Tanços”, entre abril e julho de 1916.

²⁰ Agradecemos à família as informações prestadas e especialmente ao filho, Sr. Rui Mota, a cedência da fotografia e da caderneta militar.

FIGURA 35. Caderneta militar de Manuel Pires Teixeira da Mota (Arquivo de família).

Indicações

Todo o militar, recebe ao ser incorporado, uma caderneta do presente modelo, que fica na posse do indivíduo a que se refere enquanto estiver na reserva, devendo ser conservada com o maior cuidado.

O licenciado deve guardar a caderneta mesmo depois de terminar o tempo legal de serviço, para poder em qualquer circunstância justificar a sua baixa definitiva.

O licenciado que perder a caderneta, deve participar este facto imediatamente ao regimento de reserva a que pertence.

O licenciado que frequentar alguma carreira de tiro, deve n'ella apresentar a sua caderneta, para ser devidamente escripturada na respectiva folha.

Não é permitido dobrar a caderneta.

N. B.—Todas as folhas da caderneta devem ser rubricadas.

CADERNETA MILITAR

De Manuel Pires Teixeira da Mota
nascido a 22 de fevereiro de 1894 em Silvares Paro
quia de Silvares concelho de Lousada
distrito de Porto ; filho de José Teixeira
da Mota e de Maria
das Dores Pinto Nogueira Pires
ultimo domicilio em Silvares Paroquia de Silvares
concelho de Lousada distrito de Porto
esta do celoso ; occupa-
ção casou com
em de de 1.

Filhos

Varões

Fêmeas

N.º 8-375—Pap. Fernandes & C.ª—Rua do Mato—Lisboa

Embarcou para França a 14 de março de 1917, sendo integrado no 1.º Grupo de Metralhadoras Pesadas do CEP, que se destacou na defesa do setor de Neuve Chapelle. Em julho de 1917, esteve em diligência ao Quartel-General da Base, para frequentar o 22.º curso normal da Escola de Gás. Teve uma baixa ao Hospital da Base, no início de janeiro de 1918, do qual saiu com alta a 22 do mesmo mês, seguindo para o Depósito Misto da Base. A partir da Flandres, reportava os principais desenvolvimentos na frente europeia para o *Jornal de Louzada*, dirigido pelo seu pai.

Manuel Mota, na sua vida pública, destacou-se pela sua ação política na oposição à ditadura do Estado Novo e, por esse motivo, foi perseguido e preso por diversas vezes. Profissionalmente, foi amanuense e, depois, secretário da Câmara Municipal de Lousada. Faleceu em Lousada, na sua casa do Tojeiro, a 30 de setembro de 1978²¹.



FIGURA 36. Caderneta militar de Luís de Sousa (Arquivo de família).

5.14. LUÍS DE SOUSA

Nasceu em Lodares, a 24 de dezembro de 1896, no lugar das Quintãs, filho de Joaquim de Sousa, pedreiro, e de Rosa Augusta, costureira. Casou com Maria Augusta da Silva, de Louredo (Paredes), a 24 de setembro de 1925, e faleceu em Lodares, a 7 de outubro de 1968, com 71 anos.

Foi mobilizado através do Regimento de Infantaria 31 (Porto), sendo dado como pronto da recruta a 16 de julho de 1917. Seguiu para França com este regimento, a 12 de setembro de 1917, regressando a Portugal, a 22 de janeiro de 1919. Chegou a ser chamado para servir em Angola, mas não se apresentou no dia do embarque, sendo considerado desertor. Apresentou-se voluntariamente, a 28 de julho de 1924, sendo, mais tarde, amnistiado²².

5.15. MANUEL RIBEIRO

Era natural de Nespereira, filho de António Ribeiro e de Margarida Ferreira, ambos residentes naquela freguesia. Quando embarcou para França, a 26 de setembro de 1917,

²¹ Elementos mais pormenorizados da sua atuação política em Ribeiro (1999, p. 58).

²² Agradecemos ao Sr. David de Sousa e Silva, filho deste militar, a cedência da caderneta militar deste combatente.



FIGURA 37. Cartão da Liga dos Combatentes de Manuel Ribeiro (Arquivo de família).

já estava casado com Margarida Pereira Martins²³.

Pertencia à 3.^a Companhia do 3.^o Grupo de Companhias de Saúde da Coluna Automóvel de Transporte de Feridos, como soldado maqueiro, sendo colocado no Hospital de Sangue n.º 2, a 11 de fevereiro de 1918. Baixou ao hospital onde servia a 15 de março de 1918, de onde teve alta a 23 desse mês. A 31 de março, seguiu para o Quartel-General Base, por ter sido julgado incapaz de todo o serviço por uma junta médica. A 7 de abril de 1918, embarcou no navio Pedro Nunes com destino a Portugal.

O Hospital de Sangue n.º 2, sediado em Saint Venant, foi criado a partir da Ambulância 9, devido ao grande número de feridos e doentes. A união de uma ambulância com uma coluna de hospitalização formava um hospital de sangue, situação que também sucedeu com a Ambulância 2, que deu origem ao Hospital de Sangue n.º 1, sediado em Merville (Marques, 2016, pp. 176-177; Sousa, 2017b).

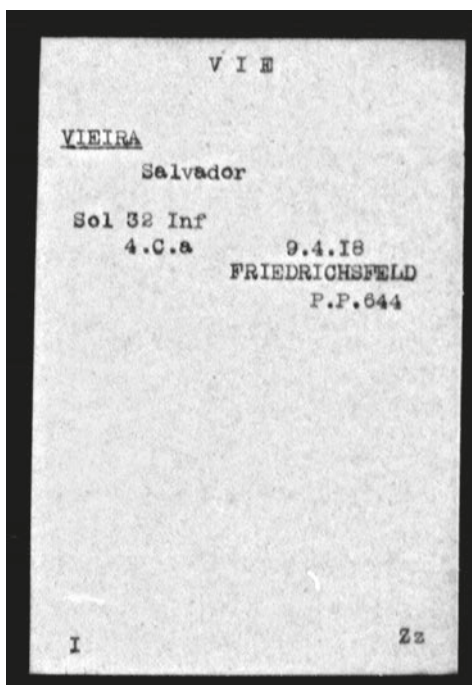
FIGURA 38. Salvador Vieira (Arquivo de família).

5.16. SALVADOR VIEIRA

O soldado Salvador Vieira era natural de Sousela, nasceu a 20 de novembro de 1893, filho de Joaquim Vieira e de Maria Nunes, jornaleiros. Casou com Inácia Ferreira, natural de Pias, no dia 6 de outubro de 1915. Faleceu em Silves, a 27 de junho de 1961.



²³ Um agradecimento aos familiares do combatente Manuel Ribeiro, em especial ao Sr. Belmiro Ribeiro, filho, ao Sr. Manuel Guerra, neto, e ao Sr. Paulo Guerra, bisneto, pela cedência de fotografias e demais informações, e, por fim, à D. Manuela Sousa, pela cedência do cartão da Liga dos Combatentes. Relacionado com a família de Manuel Guerra, atrás mencionado, identificámos um outro combatente – José Ferreira –, que, embora fosse natural de Lamoso (Paços de Ferreira), casou e viveu em Nespereira. Da sua participação na Grande Guerra resultou a adoção do apelido “Guerra”, que transmitiu aos seus descendentes.



Nº	Nome	Idade	Profissão	Estado	Local	Observações
1	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
2	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
3	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
4	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
5	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
6	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
7	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
8	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
9	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
10	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
11	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
12	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
13	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
14	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
15	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
16	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
17	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
18	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
19	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
20	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
21	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
22	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
23	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
24	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
25	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
26	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
27	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
28	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
29	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
30	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
31	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
32	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
33	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
34	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
35	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
36	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
37	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
38	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
39	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
40	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
41	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
42	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
43	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
44	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
45	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
46	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
47	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
48	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
49	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	
50	VIEIRA	24	Soldado	Prisioneiro	La Lys	

FIGURAS 39 E 40. Registos de Salvador Vieira como prisioneiro de guerra (ICRC, 1914-1918c, 1914-1918d).

Foi mobilizado pelo Regimento de Infantaria 32 e seguiu para França, tendo participado na Batalha de La Lys, no dia 9 de abril de 1918, em que foi feito prisioneiro, seguindo para o campo de Friedrichsfeld. Depois da guerra, emigrou para o Brasil, onde permaneceu alguns anos, voltando para Portugal e exercendo a profissão de operário fabril.

5.17. AMADEU FARIA

Nasceu na freguesia de São Miguel, Lousada, a 28 de abril de 1893, filho natural de Felicidade Rita de Faria. Casou, a 9 de outubro de 1915, com Emília da Conceição e faleceu, em São Miguel, a 12 de outubro de 1980, com 87 anos²⁴.

Embarcou para França com o batalhão proveniente do Regimento de Infantaria 32, a 14 de julho de 1917. Foi colocado na 1.ª Companhia do Batalhão de Infantaria 34 e, mais tarde, transferido para o Batalhão de Infantaria 1, a 5 de abril de 1918, vésperas da Batalha de La Lys. Em maio desse ano, transitou para a lavandaria do Quartel-General Base e, finalmente, seguiu para o Depósito de Adidos do Corpo, seguindo para Portugal e desembarcando em Lisboa, a 5 de março de 1919.



FIGURA 41. Amadeu Faria (Arquivo de família)

²⁴ Ao Sr. Júlio Faria, neto do combatente Amadeu Faria, agradecemos a cedência da fotografia e demais dados biográficos.



FIGURA 42. Estado Maior do Batalhão de Infantaria 35. Miguel Bacelar (sentado, à direita) e Hernâni Cidade (sentado, à esquerda) figura notável da cultura portuguesa (Arquivo de família).

5.18. MIGUEL VAZ GUEDES PEREIRA PINTO DE SOUSA BACELAR

Embora fosse oriundo da Casa de Valmelhorado, em Felgueiras, onde nasceu a 25 de fevereiro de 1884, a sua ligação a Lousada é indissociável da sua vida familiar e social. Estreitamente ligado, por laços familiares, à Casa de Rio de Moinhos, Covas, Miguel Bacelar foi uma personalidade sempre presente na vida social lousadense, reunindo muitos amigos neste concelho²⁵.

Foi mobilizado para o CEP, tendo sido colocado no Batalhão de Infantaria 35, com o posto de capitão. Como oficial, poderá ter comandado algumas das praças lousadenses que reuniram a este batalhão.

5.19. LUÍS MONTEIRO

Nasceu em Leirós, freguesia de Lustosa, a 25 de março de 1895, sendo filho de António Monteiro e de Gracinda Neto de Moraes. Casou com Maria Aurora Ribeiro Coelho, em julho de 1919. Faleceu em Lustosa, em janeiro de 1960²⁶.

Quando foi mobilizado para o CEP estaria a prestar serviço militar no 3.º Grupo de Metralhadoras, sediado no Porto, detendo a patente de 1.º cabo. Embarcou para França, a 16 de maio de 1917, sendo aí integrado no 2.º Grupo de Metralhadoras Pesadas do CEP.

²⁵ Agradecemos à D. Maria Antónia Pavão, da Casa de Rio de Moinhos, as informações prestadas e a cedência de várias fotografias.

²⁶ O nosso agradecimento ao Sr. Luís Bessa, neto do combatente Luís Monteiro, pela cedência da fotografia.



FIGURA 43. Luís Monteiro exibindo as insígnias de 2.º sargento. Fotografia tirada após 20 de agosto de 1918 (Arquivo de família).

Durante a grande ofensiva alemã da primavera de 1918, a 18 de março, foi ferido em combate por inalação de gases, baixando à Ambulância 7, tendo o seu estado motivado a sua evacuação para o Hospital de Sangue n.º 2 e depois para o Hospital da Base. Em face destes ferimentos, ficou internado até 21 de abril, escapando, assim, ao momento mais dramático da investida inimiga, a 9 de abril: a batalha de La Lys.

A 20 de agosto de 1918, foi promovido a 2.º sargento miliciano, posto que já exibe no fardamento com que se fez fotografar. Foi condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França. Regressou a Portugal, desembarcando em Lisboa, a 3 de abril de 1919.

O seu irmão mais velho, José António Monteiro, também foi mobilizado para o CEP, fazendo parte do contingente de tropas já licenciadas, partindo para França cerca de dois meses depois do embarque de Luís Monteiro, em julho de 1917. Na Flandres, José António

Monteiro também integrou uma unidade de metralhadoras, mas acabou por falecer vítima de doença.

6. OS COMBATENTES LOUSADENSES MORTOS E DESAPARECIDOS NA FLANDRES

Segundo os dados obtidos no Arquivo Histórico Militar, registaram-se sete combatentes mortos durante a participação portuguesa na frente europeia da I Grande Guerra. Há ainda a assinalar a existência de um desaparecido em combate.

António Machado nasceu no lugar da Moimenta, freguesia de Aveleda, a 4 de outubro de 1895, e era filho de Justino Machado e de Antónia Joaquina. Foi mobilizado pelo Regimento de Infantaria 32 (Penafiel), embarcando em Lisboa, com destino a França, a 14 de julho de 1917. Usou a placa identificativa n.º 21701, sendo colocado no Batalhão de Infantaria 34, como soldado com o n.º 285. A 1 de abril de 1918, foi ferido em combate com um estilhaço de granada, sendo recolhido pela Ambulância 7. Faleceu no Hospital de Base n.º 1 no dia seguinte, 2 de abril, sendo sepultado no cemitério de Merville (coval 54, talhão C. II). Mais tarde, os seus restos mortais foram trasladados para o cemitério militar português de Richebourg L'Avoué, talhão B, fila 5, coval 8.

Augusto Nunes nasceu na Casa dos Encados, Santo Estêvão de Barrosas, a 4 de abril de 1894, sendo filho de José Nunes e de Maria Pacheco. Do Regimento de Infantaria 32 (Penafiel), como soldado com o n.º 273, seguiu para França, a 14 de julho de 1917, sendo integrado, a 22 de agosto desse ano, na 4.ª Companhia do Batalhão de Infantaria 21, com o n.º 728. A 5 de abril de 1918, foi colocado no Batalhão de Infantaria 11. No seu registo

Nome	Freguesia	Data de morte	Data de desaparecimento
António Machado	Aveleda	2/4/1918	
Augusto Nunes	Santo Estêvão de Barrosas	9/4/1918	
Francisco Teixeira	Boim	12/4/1918	
José António Monteiro	Lustosa	8/7/1918	
José Ferreira	Meinedo	12/3/1918	
José Ferreira Pinto	Meinedo	2/11/1918	
Manuel Nunes	Casais	22/8/1918	
José Teixeira	Caíde de Rei		9/9/1918

TABELA 2. Lista de combatentes lousadenses mortos e desaparecidos na Flandres (AHM, 1914-1919a, 1914-1919b).

consta apenas desaparecido a 9 de abril, data da Batalha de La Lys. Foi contabilizado como morto pelos Serviços de Estatística do CEP.

Francisco Teixeira nasceu em Boim, a 9 de dezembro de 1895, sendo filho de Bernardino Teixeira e de Justina Rosa, moradores no lugar do Outeiro. Foi incorporado no Regimento de Infantaria 32 (Penafiel), como soldado com o n.º 283. Embarcou de Lisboa com destino ao *front*, a 14 de julho de 1917, integrando o Batalhão de Infantaria 34, a 21 de agosto. A 23 de março de 1918, baixou ao Hospital de Base n.º 1, sediado em Ambleteuse, onde veio a falecer, vítima de tuberculose pulmonar, a 12 de abril de 1918. Foi sepultado no cemitério local (coval 21), sendo os seus restos mortais trasladados para o cemitério militar português de Richebourg L'Avoué, talhão A, fila 14, coval 9.

José António Monteiro era natural de Lustosa, onde nasceu, no lugar de Leirós, a 25 de julho de 1892. Era filho de António Monteiro e de Gracinda Neto de Morais, e casou em Lustosa, a 9 de agosto de 1914, com Ana Monteiro, filha de José Carneiro e de Delfina Monteiro, também de Lustosa. Incorporado no Regimento de Infantaria 32 (Penafiel), embarcou para França, a 14 de julho de 1917, sendo colocado no Batalhão de Infantaria 21. Usava a placa identificativa n.º 21958. A 17 de janeiro de 1918, foi promovido a 2.º cabo e, a 16 de março, foi colocado na 2.ª Bateria do 1.º Grupo de Metralhadoras. Por duas vezes esteve de baixa no Hospital de Base n.º 1, entre outubro e novembro de 1917 e a 20 de junho de 1918. Deste segundo internamento viria a falecer, vítima de tuberculose pulmonar, a 8 de julho de 1918, sendo sepultado, inicialmente, no cemitério de Ambleteuse e, depois, trasladado para o cemitério militar português de Richebourg L'Avoué, talhão D, fila 20, coval 10.

José Ferreira nasceu a 20 de setembro de 1896, no lugar de Casais, Meinedo, filho de Júlio Ferreira e de Emília de Jesus. Era o soldado n.º 868 da 1.ª Companhia do Regi-

mento de Infantaria 31 (Porto), tendo embarcado em Lisboa, a 12 de setembro de 1917, com destino à frente de guerra na Flandres. A 22 de novembro de 1917, foi colocado no Batalhão de Infantaria 2. Logo a 26 de novembro, baixa à Ambulância 5, de onde tem alta a 1 de dezembro. Faleceu na 1.^a Linha, por ter sido ferido em combate, no dia 12 de março de 1918. Foi sepultado no cemitério de Laventie e, mais tarde, trasladado para o cemitério militar português de Richebourg L'Avoué, talhão A, fila 2, coval 16.

José Ferreira Pinto nasceu em Meinedo, no lugar da Torrinha, a 20 de setembro de 1895. Era filho de Joaquim Ferreira e de Emília Rosa e casado com Ana de Jesus, residente em Santa Marta. Incorporado no Regimento de Infantaria 32 (Penafiel), viajou para França a 14 de julho de 1917, sendo aí colocado no Batalhão de Infantaria 15, a 20 de agosto. Usava a placa identificativa n.º 22291. A 5 de dezembro, baixou à Ambulância 1, sendo evacuado para o Hospital de Sangue n.º 1, de onde teve alta, a 8 do mesmo mês. Foi dado como desaparecido em combate, a 9 de abril, no decurso da Batalha de La Lys, não havendo mais qualquer registo da sua situação até ao seu falecimento, a 2 de novembro de 1918. Foi sepultado no cemitério militar português de Richebourg L'Avoué, talhão B, fila 8, coval 11.

Manuel Nunes era natural da freguesia de Casais, tendo nascido no lugar da Courela, a 10 de maio de 1895. Filho de Joaquim Nunes e de Justina de Meireles. Pertenceu ao Regimento de Infantaria 32 (Penafiel), seguindo para o *front*, a 14 de julho de 1917. Usava a placa identificativa n.º 21699. A 21 de agosto, foi colocado na 2.^a Companhia do Batalhão de Infantaria 34, com o posto de soldado n.º 551. A 28 de março, foi punido com dois dias de detenção, por não se apresentar ao serviço após convalescença que

lhe havia sido concedida. A 5 de abril, passou para o Batalhão de Infantaria 17, que foi um dos mais fortemente atacados na Batalha de La Lys, sobrevivendo somente um oficial e cerca de 100 praças. Foi feito prisioneiro a 9 de abril, durante a ofensiva alemã, sendo levado para o campo de Hameln (Hannover), onde faleceu, a 22 de agosto de 1918, sem que se apontem as causas.

Apenas se registou um desaparecido em combate entre os militares lousadenses que estiveram envolvidos no conflito.

José Teixeira nasceu em Caíde, no lugar de Almeida, a 31 de maio de 1896, filho de Manuel Teixeira e de Delfina de Jesus. Era soldado do Regimento de Infantaria 31 (Porto), partindo para o *front* a 12 de setembro de 1917. Usava a placa identificativa n.º 30473. Foi colocado no Batalhão de Infantaria 2, a 22 de novembro de 1917. Foi punido com 15 dias de prisão correcional, por ter simulado doença, a 21 de novembro de 1917. A 11 de fe-

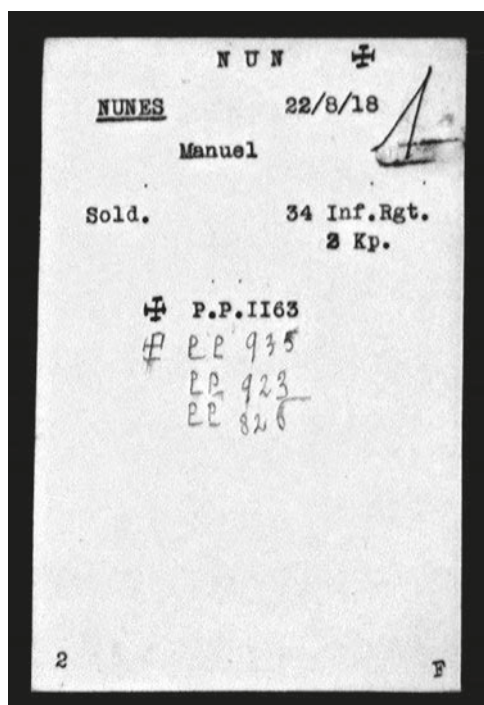


FIGURA 44. Registo de prisioneiro de guerra relativo a Manuel Nunes, indicando-se, no canto superior direito, a data da sua morte (ICRC, 1914-1918e).

vereiro de 1918, baixou ao Hospital de Sangue n.º 4, do qual teve alta, a 15 do mesmo mês. A 7 de abril, ficou em diligência ao Hospital de Base n.º 1, não se registando outras ações posteriores. Foi dado como desaparecido em combate, em Neuve Chapelle, a 9 de abril de 1918, durante a Batalha de La Lys.

7. LISTA DOS COMBATENTES LOUSADENSES NA GRANDE GUERRA

Nesta lista de combatentes lousadenses da Grande Guerra surgem aqueles cuja naturalidade se enquadrava no concelho de Lousada, conforme as divisões administrativas da época. Daí a inclusão dos militares naturais de Santa Eulália de Barrosas. Os militares cuja freguesia de naturalidade não foi mencionada nos registos aparecem inscritos em Lousada, embora seja de admitir que por Lousada se pudesse entender a vila. Atendendo a que esta lista foi elaborada a partir dos registos atualmente disponibilizados online pelo Arquivo Histórico Militar, é possível que possam existir omissões.



FIGURA 45. Partida do batalhão expedicionário do Regimento de Infantaria 32, a 10 de julho de 1917, no qual seguiam dezenas de militares lousadenses (Chaves, 1917c).



FIGURA 46. Oficiais do batalhão expedicionário do Regimento de Infantaria 32 (Chaves, 1917d).

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
João Crisóstomo Teixeira Malheiro	Meinedo	Alferes	Batalhão de Infantaria 7	Embarque: 12/7/1917 Desembarque: 11/12/1917 Julgado incapaz para o serviço de campanha.
Abel de Sousa Pacheco, casado com Maria Amélia da Silva Lopes (Porto)	Pias	Alferes médico miliciano	Serviços de Saúde	Embarque: 26/5/1917 Desembarque: 17/8/1917 Julgado incapaz para o serviço de campanha.
Lúcio Coelho da Fonseca Magalhães	Sousela	Alferes miliciano	3.º Grupo de Baterias de Artilharia	Embarque: 21/6/1917 Desembarque: julho de 1918
Agostinho Coelho Peixoto da Costa, casado com Maria do Egípto Cerqueira (Braga)	Torno	Capitão	Batalhão de Infantaria 22 Tesoureiro júnior do Hospital de Base n.º 1 (2/5/1918)	Embarque: 23/6/1917 Presente na sua unidade em Portugal a 3/3/1919. Louvor pelo desempenho como tesoureiro.

TABELA 3. Lista de oficiais lousadenses mobilizados para o CEP (AHM, 1917-1922).



FIGURA 47. Distribuição do rancho no quartel de Penafiel antes da partida para França (Chaves, 1917b).



FIGURA 48. Distribuição de equipamento aos soldados do batalhão expedicionário do Regimento de Infantaria 32 (Chaves, 1917a).



FIGURA 49. Bicicleta usada pelos Grupos de Ciclistas do CEP, com emprego tático na retaguarda, em serviços de polícia e ligação (Coleção particular de Rodrigo Elísio Fernandes).

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
José Ferreira	Aveleda	Soldado	Secção de Adidos do Quartel-Ge- neral	Embarque: Lisboa, 21/4/1917 Repatriado com a Secção de Adidos, a 5/7/1919
Augusto Pereira, casado com Emília da Conceição (Torro)	Aveleda	Soldado	Batalhão de Infantaria 12 / 2.ª Com- panhia (23/8/1917) Batalhão de Infantaria 14 (24/10/1917)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 3/4/1919
Manuel Ferreira, casado com Maria de Jesus Moreira (Aveleda)	Aveleda	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 1.ª Com- panhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Punido.
António Machado	Aveleda	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917 Faleceu no Hospital de Sangue n.º 1, no dia 2/4/1918, por ter sido ferido em combate por estilhaço de granada no dia anterior.
Albino Soares	Aveleda	Soldado	3.ª Companhia / Batalhão de Infan- taria 20	
José Gomes dos Reis	Aveleda	1.º Cabo	Sem ficha	
José de Oliveira, casado com Emília da Purificação	Aveleda	Soldado	Companhia de Trabalhadores do Corpo (?)	Embarque: 26/5/1917 Desembarque: 19/7/1918
José Ferreira Pinto	Boim	Soldado	2.º Grupo de Baterias de Artilharia 2.ª Companhia do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro (22/7/1918) 3.º Grupo de Baterias de Artilharia / 2.ª Bateria (25/2/1919)	Embarque: Lisboa, 11/7/1917 Desembarque: Lisboa, 31/3/1919 Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a Fran- ça.
Albano Regadas	Boim	Soldado	Ambulância 8 Maquero	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 19/5/1919 Louvor.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
António Teixeira, casado com Maria Ferreira (Contumil)	Boim	Soldado	Batalhão de Infantaria 20	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 5/2/1919
				Ferido por desastre em serviço.
Francisco Pinto Moreira, casado com Julia da Silva (Boim)	Boim	Soldado	3.º Grupo de Metralhadoras Pesadas / 1.ª Bateria	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 18/9/1918
				Louvor por ter recuado com a metralhadora, montando-a e deixando-a pronta para tiro, depois de a sua posição e abrigo terem sido destruídos.
Francisco Teixeira	Boim	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917
				Internado no Hospital Base n.º 1, a 23/3/1918, faleceu de tuberculose pulmonar, a 12/4/1918
				Embarque: 14/7/1917
António da Silva Moreira	Boim	Soldado	Batalhão de Infantaria 7 Batalhão de Infantaria 34 / 3.ª Companhia (7/4/1918)	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 5/3/1919
				Louvor.
António Ribeiro de Sousa	Boim	Soldado	Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-ferro 3.º Grupo de Baterias de Artilharia / 2.ª Bateria (1/3/1919)	Embarque: 23/3/1917
				Desembarque: 20/3/1919
				Embarque: 14/7/1917
António Vieira	Caíde de Rei	Soldado	3.º Grupo de Metralhadoras	Desembarque: 5/3/1919
				Louvor.
				Punido por faltar à revista de cabelos.
Custódio Pereira Martins, casado com Maria da Silva (Lisboa)	Caíde de Rei	1.º Cabo condutor	6.º Grupo de Baterias de Artilharia / 3.ª Bateria	Embarque: 8/8/1917
				Desembarque: 16/2/1919
				Embarque: Lisboa, 21/4/1917
António Teixeira	Caíde de Rei	Soldado	Comboio Automóvel – 7.ª Secção Soldado chauffeur	Desembarque: Lisboa, 12/11/1917

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Afonso Rocha	Caide de Rei	Soldado	Sem informação	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 23/7/1919
Augusto de Sousa	Caide de Rei	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 4.ª Com-panhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Esteve preso por ser considerado desertor.
José Teixeira	Caide de Rei	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desaparecido em combate.
Antônio Alves	Caide de Rei	Soldado	Trem Divisionário (1.ª Divisão)	Embarque: 21/8/1917 Desembarque: 31/5/1919
Manuel Alves	Caide de Rei	Soldado	6.º Grupo de Baterias de Artilharia / 4.ª Bateria	Embarque: 20/8/1917 Desembarque: 4/5/1919 Participou na tomada de Lille e de Tournai.
Manuel Nunes	Casais	Soldado	Batalhão de Infantaria 34 / 2.ª Com-panhia Batalhão de Infantaria 17 (5/4/1918)	Embarque: 14/7/1917 Prisioneiro em Hameln, onde faleceu, a 22/8/1918.
José Peixoto Pereira, casado com Maria Carolina Soares de Moura	Casais	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 4/2/1919 Desaparecido e prisioneiro, em 9/4/1918.
José Nunes Penlleira	Casais	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 4/2/1919 Desaparecido, a 9/4/1918, e prisioneiro em Munster II.
Luís Morais	Casais	Soldado	Depósito Militar da Base Batalhão de Infantaria 7 (19/2/1918) Batalhão de Infantaria 22 / 4.ª Com-panhia (7/4/1918)	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 28/5/1919

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
João Afonso de Magalhães	Casais	1.º Cabo ciclista	1.ª Companhia Divisionária de Telegrafistas	Embarque: 21/4/1917
				Desembarque: 18/10/1919
				Aprovado no exame para motociclista.
Joaquim Ribeiro	Casais (Vinha)	Soldado	3.º Grupo de Metralhadoras	Embarque: 14/7/1917 Ferido em combate.
José Maria da Silva	Cernadelo	Soldado	Hospital de Sangue n.º 2	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: 13/7/1918
António Alves Oliveira	Cernadelo	1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 12	Embarque: 14/7/1917
		2.º Sargento miliciano (1/1/1918)		Desembarque: 4/5/1919
				Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França.
João Crisóstomo Pacheco Moreira, casado com Laura Moreira de Bessa Pinto (Gondalães, Paredes)	Cernadelo	2.º Sargento	Batalhão de Infantaria 29 Repartição de Estatística Quartel-General Base	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 8/9/1918, por via terrestre
José Maria Antunes	Covas	Soldado	Batalhão de Infantaria 7 (extinto) Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 13/9/1918
José Pereira Tristão	Covas	Soldado	Batalhão de Infantaria 9	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 31/3/1919 Punido por não apresentar o cabelo cortado.
Francisco Peixoto Soares de Moura	Covas	Soldado	Sem ficha	
Francisco Freire de Oliveira	Cristelos	Soldado	4.º Grupo de Metralhadoras	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 23/7/1918
Belmiro Ribeiro da Silva	Cristelos	Soldado	Companhia de Trabalhadores de Corpo	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 10/4/1918

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
António da Silva	Cristelos	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 16/2/1919 Desaparecido a 12/3/1918 Prisioneiro.
João Nunes da Silva	Cristelos	Soldado	Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 11/4/1919 Ferido por gases, a 11/3/1918.
André Dias Bastos	Cristelos	Soldado	2.ª Companhia de Sapadores Mi- neiros	Embarque: 21/4/1917 Desembarque: 31/3/1919
Casimiro Beça, casado com Ana Ribeiro da Silva (Vinha, Cristelos)	Cristelos	Soldado	Sapadores Mineiros – Condutor de viatura	Embarque: 27/8/1917 Desembarque: 15/4/1919
Francisco Abel da Mota Machado, casa- do com Rosa de Jesus (Rio Tinto, Gon- domar)	Cristelos	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 2.ª Com- panhia Ambulância 2 (13/6/1918)	Embarque: 15/5/1917 Desembarque: 9/6/1919 Classificado como artífice carpinteiro de carros (7/3/1919). Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a Fran- ça.
Abel Queiroz	Figueiras	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 1.ª Com- panhia	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: 8/7/1919 Condenado a seis anos prisão e a seis de deportação. Embarque: Lisboa, 14/7/1917
António Ribeiro	Figueiras	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 4.ª Com- panha	Desembarque: 25/6/1919 Tomou parte na perseguição e passagem do rio Escalda, a 9/11/1918. Louvor.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Abílio Freire	Figueiras	1.º Cabo	Depósito Militar	Embarque: 14/7/1917
			Inspecção de Escolas CEP	Desembarque: 28/5/1919
			Batalhão de Infantaria 5 / 3.ª Companhia	Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França.
			Batalhão de Infantaria 12 / 1.ª Companhia	
Manuel de Morais	Figueiras	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 4.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Ferido em combate, a 19/10/1917.
Casimiro da Costa	Figueiras	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 16/2/1919
António Teixeira de Bessa	Figueiras	Soldado	Batalhão de Infantaria 11	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 9/4/1919
Abel Barbosa, casado com Rosa da Silva (Lodares)	Lodares	Soldado condutor	2.ª Bateria de Morteiros Ligeiros	Embarque: 11/4/1917 Desembarque: 22/7/1918
Joaquim Moreira	Lodares	1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 12	Embarque: 14/7/1917
			Batalhão de Infantaria 35 / 2.ª Companhia	Desembarque: 25/6/1919 Tomou parte na perseguição e passagem do rio Escalda, a 9/11/1918.
Claudino Magalhães, casado com Maria Barbosa (Novelas, Penafiel)	Lodares	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 2.ª Companhia 1.ª Companhia Batalhão de Mineiros	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 9/3/1919
Luis de Sousa	Lodares	Soldado promovido a 1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 35 / 3.ª Companhia	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 5/2/1919
Manuel Pereira, casado com Maria N... (Sousela)	Lodares	Soldado	Secção de Adidos	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Manuel José Pinto	Lousada	Soldado	1.ª Batalhão / 4.ª Grupo de Metralhadoras	Embarque: 14/7/1918 Desembarque: 3/2/1919 Desaparecido em combate, a 9/4/1918, e feito prisioneiro no campo de Munster II.
Alberto da Costa	Lousada	Soldado	Batalhão de Mineiros / 2.ª Companhia	Embarque: 8/8/1917 Desembarque: 4/10/1918
Albino Ferreira	Lousada	Soldado	Companhia de Trabalhadores do Corpo	Embarque: 17/11/1917 Desembarque: 12/8/1919 Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França.
Justino Camelo	Lousada	Soldado	Companhia de Sapadores do Corpo	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 12/8/1919 Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França.
Gaspar Afonso	Lousada	Corneteiro	Batalhão de Infantaria 20 / 3.ª Companhia	Embarque: 23/5/1917 Desembarque: 19/4/1919
Afonso Ribeiro Peixoto de Queirós	Lousada	2.º Sargento	1.º Grupo de Baterias de Artilharia / 4.ª Bateria	Embarque: 23/3/1917 Desembarque: 16/7/1918 Louvor.
Joaquim Pinto Ferreira, casado com Maria Rosa (Mouta, Silvarés)	Lousada	Soldado condutor	1.º Grupo de Baterias de Artilharia / 4.ª Bateria	Embarque: 12/7/1917 Desembarque: 23/8/1918
Joaquim V. Alves Ferreira	Lousada	Soldado	2.ª Companhia de Sapadores Mineiros	Embarque: 21/4/1917 Desembarque: 27/8/1918 Dois louvores.
Serafim Camelo Ferreira	Lousada	Soldado	3.ª Companhia de Sapadores Mineiros	Embarque: 21/4/1917 Desembarque: 1/5/1919

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Rodrigo de Vasconcelos e Menezes	Lousada	2.º Sargento miliciano – amantueense	Quartel-General Base	Embarque: 22/3/1917 Desembarque: 13/3/1918
José da Silva Ribeiro	Lousada	Soldado	Sem unidade	Embarque: 15/5/1917
Adriano da Silva, casado com Maria Rosa (Beire, Paredes)	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 2.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Tomou parte na perseguição do Escalda.
Arnaldo de Sousa, casado com Maria Nunes	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 34 Batalhão de Infantaria 1 (5/4/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 18/1/1919 Desaparecido, a 9/4/1918, e prisioneiro no campo de Friedrichfeld.
José Nunes	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 35	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Louvor.
Manuel Soares	Lousada	Soldado		Sem ficha.
José de Magalhães	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 34 Batalhão de Infantaria 1 (5/4/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 19/1/1919 Desaparecido e prisioneiro, a 9/4/1918.
Abílio Alves da Silva	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 34 / 1.ª Companhia Batalhão de Infantaria 1 (5/4/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/1/1919 Ferido por gases, a 21/3/1918. Desaparecido e prisioneiro, a 9/4/1918.
Albino Carneiro, casado com Adelina Gomes (Vilarinho, Santo Tirso)	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 4	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/1/1919 Desaparecido, a 9/4/1918. Prisioneiro no campo de Friedrichfeld.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marcelino Peixoto de Magalhães, casado com Maria Nunes (Meinedo)	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 34 / 1.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 13/9/1918
Antônio Gomes Nunes, casado com Ana de Matos Xavier	Lousada	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/10/1918 Baixa à Ambulância 3, a 5/3/1918.
José Antônio Monteiro, casado com Ana Monteiro	Lousada (mãe de Lústosa)	Soldado promovido a 2.º Cabo (17/1/1918)	Batalhão de Infantaria 21 1.º Grupo de Metralhadoras Pesadas / 2.ª Bateria (16/3/1918)	Embarque: 14/7/1917 Faleceu.
Augusto Sobral	Lousada (mãe residente em Santa Isabel, Lodares)	Soldado	Depósito Militar	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 17/5/1918
João Teixeira Pinto	Lousada (mãe de Santo Estêvão)	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 4.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Perseguição do Escalda.
Abel Coelho	Lousada (pai de Caisais)	Soldado	Batalhão de Infantaria 12 / 9.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/8/1918 Punido.
José Joaquim Pereira	Lousada (pai de Lústosa)	Soldado	Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 3/4/1920
Antônio Neto	Lousada (pai de Lústosa)	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 3.ª Companhia Batalhão de Infantaria 35 / 4.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Louvor. Perseguição do Escalda.
Antônio Pinto de Couto	Lousada (pai de Meinedo)	2.º Sargento	Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 15/4/1919 Punido duas vezes.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
José Alves	Lousada (pai residente em Calde de Rei)	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 3.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Louvor.
Bernardino Luís de Moura	Lustosa	Soldado	1.ª Grupo de Baterias de Artilharia / 1.ª Bateria 6.ª Grupo de Baterias de Artilharia / 2.ª Bateria (22/7/1918)	Embarque: 23/3/1917 Desembarque: 4/5/1919 Embarque: Lisboa, 21/4/1917
Miguel Ribeiro, casado com Carolina Correia da Silva (Gondomar)	Lustosa	Soldado	Comboio Automóvel - 7.ª secção	Licenciado em França, a 3/6/1919, indo domiciliar-se em Chartres, Eure-et-Loir, Paris. Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França.
Florencio Pereira	Lustosa	Soldado	Depósito Militar	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/8/1918
Manuel Neto da Costa	Lustosa	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: maio de 1918. Ferido em combate. Incapaz.
Justino Pereira, casado com Rosa Pereira	Lustosa	Soldado	Batalhão de Infantaria 21 Batalhão de Infantaria 11 (5/9/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 13/9/1918 Embarque: 14/7/1917
José Luís Ribeiro, casado com Rosa Gonçalves França (Roriz, Santo Tirso)	Lustosa	Soldado 1.ª Cabo (20/9/1917)	Batalhão de Infantaria 3 / 3.ª Companhia	Desembarque: 4/2/1919 Desaparecido, a 9/4/1918. Prisioneiro no campo de Munster II, transferido para Munster III.
Firmino Martins, casado com Maria Salomé Ribeiro (Nogueira, Braga)	Lustosa	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 16/2/1919

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Justino Pereira	Lustosa	Soldado	3.ª Companhia de Sapadores Mi- neiros	Embarque: 26/5/1917 Desembarque: 18/1/1919 Desaparecido, a 9/4/1918. Prisioneiro no campo de Dulmen.
António Moreira Machado	Macieira	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/8/1918
Joaquim Moreira dos Santos	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 14 2.ª Bateria do 6.º Grupo de Metra- lhadoras (4/1/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 19/4/1919
Adriano Ferreira Pinto	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 34 / 1.ª Com- panhia Batalhão de Infantaria 1 (5/4/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 3/2/1919 Desaparecido e prisioneiro, a 9/4/1918.
Firmino da Silva Camelo, casado com Maria da Silva Nunes	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 21 / 1.ª Com- panhia Batalhão Infantaria 11 (5/4/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 18/1/1919 Desaparecido e prisioneiro, a 9/4/1918, em Friedreshfeld.
José Ferreira Pinto	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917 Desaparecido, a 9/4/1918. Faleceu.
António Ferreira	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 15 / 4.ª Com- panhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 16/2/1919
José Augusto Pinto Guedes	Meinedo	Soldado		Sem ficha
Belmiro Malheiro, casado com Emília de Sousa Almeida (Meinedo)	Meinedo	Soldado	Companhia de Sapadores do Corpo	Embarque: 14/6/1917 Desembarque: 28/10/1918
Manuel da Costa	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/5/1919
José Pinto do Vale, casado com Ana Jesus Bragança	Meinedo	Soldado	4.ª Companhia de Sapadores de Caminhos-de-ferro	Embarque: 21/4/1917 Desembarque: 1/5/1919

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Joaquim da Rocha	Meinedo	2.º Sargento	Batalhão de Infantaria 24 / 4.ª Companhia	Embarque: 15/5/1917 Desembarque: 23/6/1918
António de Sousa, casado com Ana Rodrigues de Oliveira (Meinedo)	Meinedo	Soldado, promovido a 1.º Cabo (1/12/1918)	Companhia de Trabalhadores do Corpo Depósito de Remonta	Embarque: 2/6/1917 Desembarque: 5/1919
António Pinto Bragança	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 7 Batalhão de Infantaria 22 / 4.ª Companhia (7/4/1918)	Embarque: 12/7/1917 Desembarque: 23/11/1918
António da Silva	Meinedo	Soldado	3.ª Grupo de Metralhadoras / 2.ª Bateria Batalhão de Infantaria 23 / 1.ª Companhia (26/10/1918)	Embarque: 12/7/1917 Desembarque: 17/6/1919
José Ferreira	Meinedo	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Ferido em combate, a 12/3/1918. Faleceu em França.
António Cunha Magalhães	Meinedo ("Foz 2/2/1894)	Soldado	Hospital Base 1	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: Lisboa, 28/10/1918 Diligência ao Hospital Base 1.
António de Sousa Silva	Meinedo (Romariz)	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 19/7/1918 Ferido em combate, a 12/3/1918.
António Teixeira, casado com Glória Nunes Costa (Nespereira)	Nespereira	Soldado	Batalhão de Infantaria 3	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 3/10/1918
Manuel Joaquim Xavier	Nespereira	Soldado	Batalhão de Infantaria 20 / 4.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 10/4/1918 Punido. Incapaz.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Alberto da Mota	Nespereira	Soldado	Escola de Sinais Batalhão de Infantaria 5 (20/9/1917) Brigada do Minho Aumentado ao Batalhão de Infantaria 9 (7/11/1918) Adido ao Quartel-General 2.º Batalhão de Infantaria	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 9/6/1919
Francisco Ferreira Xavier Marques, casado com Maria Rosa da Silva Ferreira (Lodares)	Nespereira	1.º Cabo 2.º Sargento (18/10/1918)	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 5/2/1919 Embarque: 14/7/1917
Luís Caetano Pinto, casado com Maria Freire	Nespereira	Soldado	4.º Grupo de Metralhadoras	Desembarque: 3/2/1919 Desaparecido em combate, a 9/4/1918, e feito prisioneiro em Munster II.
Manuel Ribeiro, casado com Margarida Pereira Martins	Nespereira	Soldado	Hospital de Sangue n.º 2 - Maqueiro	Embarque: 26/9/1917 Desembarque: 25/4/1918 Embarque: 14/7/1917
Justino Ribeiro da Mota, casado com Júlia Gomes	Nespereira	Soldado	Depósito Militar	Desembarque: 4/2/1919 Desaparecido, a 9/4/1918, e feito prisioneiro em Munster II. Embarque: Lisboa, 14/7/1917
Francisco Pereira do Vale	Nevogilde	Soldado	9.ª Companhia / Batalhão de Infantaria 12	Desembarque: Lisboa, 4/5/1919 Tomou parte na Batalha de La Lys. Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França.
José Ferreira, casado com Isabel Rosa (Nevogilde)	Nevogilde	Soldado	Batalhão de Infantaria 14 / 1.ª Companhia	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: 21/5/1918

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Francisco de Sousa	Nevogilde	Soldado	Quartel-General / 1.ª Divisão	Embarque: Lisboa, 14/7/1917
				Desembarque: 13/9/1918
Salvador Nunes	Nevogilde	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 5/3/1919
João de Freitas	Nevogilde	Soldado	4.º Grupo de Metralhadoras	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 18/1/1919
Gaspar Ribeiro	Nevogilde	Soldado	Batalhão de Infantaria 9 / 2.ª Companhia	Desaparecido, a 9/4/1918. Prisioneiro no campo de Munster II.
				Embarque: 14/7/1917
António Moreira Bessa	Nevogilde	Soldado	Coluna de Hospitalização N.º 1 Hospital Base 1	Desembarque: 23/7/1918
				Punido por andar sem capacete.
António Nunes	Nevogilde	Soldado	Comboio Automóvel	Embarque: 23/3/1917
				Desembarque: 25/8/1918
António Pinto Ferreira	Nogueira	Soldado	Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 15/5/1917
				Desembarque: 17/6/1919
José da Silva	Nogueira	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 1.ª Companhia	Embarque: Lisboa, 14/7/1917
				Desembarque: Lisboa, 15/4/1919
Manuel Ferreira	Nogueira	Soldado	Batalhão de Infantaria 22	Embarque: Lisboa, 14/7/1917
				Ferido em combate.
António Ferreira Bessa	Ordem	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/2/1918
				Desembarque: 28/5/1919
Joaquim Pinto, casado com Camila Nunes	Pias	Soldado servente	6.º Grupo de Baterias de Artilharia / 4.ª Bateria	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 16/2/1919
Joaquim Pinto, casado com Camila Nunes	Pias	Soldado servente	6.º Grupo de Baterias de Artilharia / 4.ª Bateria	Punido duas vezes por não cortar o cabelo a um soldado.
				Embarque: 23/3/1917
Joaquim Pinto, casado com Camila Nunes	Pias	Soldado servente	6.º Grupo de Baterias de Artilharia / 4.ª Bateria	Desembarque: 4/5/1919
				Louvor.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
José Ribeiro da Cunha, casado com Emília Vieira da Cunha (São Mamede de Recezinhos, Penafiel)	Pias	Soldado	Baixas sucessivas	Embarque: 14/7/1917
Joaquim do Couto Faria	Pias	Soldado	3.º Grupo de Metralhadoras / 1.ª Bateria 2.ª Bateria (30/3/1918)	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/10/1918
Joaquim Vicente Ferreira	Santa Eulália de Bar-rosas	Soldado	3.ª Companhia / Batalhão de Infantaria 14 (23/8/1917)	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: Lisboa, 15/4/1919
Joaquim de Sousa, casado com Emília de Oliveira (Santa Eulália de Barrosas)	Santa Eulália de Bar-rosas	Soldado	Batalhão de Infantaria 12 / 9.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917, com Batalhão de Infantaria 12 Desembarque: 4/5/1919
Albertino Teixeira Rocha Faria, casado com Henriqueta de Jesus Esteves (Penafiel)	Santa Eulália de Bar-rosas	2.º Sargento	4.º Depósito de Infantaria / 1.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 19/7/1918 Louvor.
Joaquim Martins	Santa Eulália de Bar-rosas	Soldado	Batalhão de Infantaria 3	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 18/6/1918 Ferido em combate, a 7/3/1918.
Calisto Peixoto Monteiro	Santa Eulália de Bar-rosas	1.º Cabo, promovido a 2.º Sargento miliciano (8/11/1918)	6.º Grupo de Baterias de Artilharia	Embarque: 20/8/1917 Desembarque: 15/4/1919 Condecorado com a Medalha Comemorativa da Expedição a França
Manuel Pereira	Santa Eulália de Bar-rosas	2.º Sargento miliciano	Escola de Metralhadoras Pesadas	Embarque: 12/7/1917 Desembarque: 4/10/1918
Alberto Pereira de Mendonça	Santa Margarida	Soldado	4.º Grupo de Metralhadoras (25/10/1917)	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: Lisboa, 18/1/1919 Desaparecido, a 9/4/1918. Prisioneiro de guerra.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Francisco Avelino	Santa Margarida	Soldado	4.ª Companhia / Batalhão de Infantaria 35 (21/8/1917)	Embarque: Lisboa, 14/7/1917
				Desembarque: Lisboa, 25/6/1919
				Tomou parte na perseguição do inimigo e passagem do rio Escalda, a 9/11/1918.
António Pinto	Santa Margarida	Soldado	Batalhão de Infantaria 23	Embarque: 12/7/1917
				Desembarque: 9/4/1919
				Desaparecido a 9/4/1918, prisioneiro no campo de Friedrischfeld. Condecorado com a Medalha Comemorativa da Campanha.
António Dias de Beja	Santo Estêvão	Soldado	1.º Regimento da Legião Estrangeira	Colocado no Quartel-General Base, a 10/10/1917. Tinha a especialidade de datilógrafo.
		1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 35 (14/5/1917)	Serviço na Comissão Liquidatária do CAP, em Paris, em 16/5/1919.
		2.º Sargento		Considerado repatriado, a 1/10/1919.
				Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, em 21/6/1919.
				Manteve-se em França, na Comissão, até 31/12/1921. Seguiu para Portugal, a 7/7/1922, desembarcou em Lisboa a 15/7/1922.
Paulino Pacheco	Santo Estêvão	Soldado	Batalhão de Infantaria 21 / 3.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 28/2/1919
				Ferido em combate a 15/11/1917
Augusto Nunes	Santo Estêvão	Soldado	Batalhão de Infantaria 21 / 4.ª Companhia	Punido quatro vezes.
				Embarque: 14/7/1917
				Desaparecido em combate. Faleceu em França, a 9/4/1918.
Manuel Coelho	Santo Estêvão	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917
				Desembarque: 4/2/1919
				Ferido em combate, a 29/11/1917.
				Desaparecido e prisioneiro, a 9/4/1918, no campo de Munster II.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
José Ferreira	São Miguel de Lou-sada	1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 14 / 2.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 15/4/1919 Punido por se lhe permitir censurar uma carta.
José Teixeira	São Miguel de Lou-sada	Soldado	1.ª Companhia / Batalhão de Infantaria 35 (21/8/1917)	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: Lisboa, 25/6/1919 Ferido em combate, a 21/10/1917. Tribunal de Guerra para assistir ao seu julgamento, a 27/4/1919 (90 dias de prisão correcional). Embarcou para Lisboa, a 1/3/1919.
Amadeu Faria	São Miguel de Lou-sada	Soldado	1.ª Companhia / Batalhão de Infantaria 34 (2/9/1917) Batalhão de Infantaria 1 (5/4/1918)	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: Lisboa, 5/3/1919 Colocado na lavandaria do Quartel-General Base, a 10/5/1918. Depósito de Adidos do Corpo, a 23/2/1919.
Joaquim Ferreira	São Miguel de Lou-sada	1.º Cabo	3.ª Companhia / Batalhão de Infantaria 35 (21/8/1917)	Embarque: Lisboa, 14/7/1917 Desembarque: Lisboa, 25/6/1919
José Ferreira Nunes da Silva	São Miguel de Lou-sada	Soldado	Sem ficha	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 4/10/1918
Abílio Ribeiro da Silva, casado com Carlina Ferreira (Cernadeio)	São Miguel de Lou-sada	Soldado	Secção de Adidos da Base	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 9/6/1919
Joaquim Moreira	São Miguel de Lou-sada	Soldado condutor	Ambulância 5	Embarque: 15/5/1917 Desembarque: 3/4/1919
Manuel Gonçalves	São Miguel de Lou-sada	Soldado	Batalhão de Infantaria 20 / 1.ª Companhia (?)	Embarque: 23/5/1917 Desembarque: 28/5/1919
Raimundo Leal, casado com Guilhermina de Jesus (Arroteia, Boim)	São Vicente de Boim	2.º Sargento	Sem unidade	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 10/4/1918

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
José Ribeiro de Magalhães	São Vicente de Boim	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 2.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 29/7/1918 Ferido em combate.
Abílio Vieira	Silvares	Soldado	Batalhão de Infantaria 14	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 3/4/1919 Ferido por gases.
Gaspar Machado	Silvares	Soldado	Baixa	Dispensado, por um dia, por trazer armamento limpo.
				Embarque: 12/9/1917
Manuel Pires Teixeira da Mota	Silvares	2.º Sargento	1.º Grupo de Metralhadoras	Desembarque: 9/6/1919
				Embarque: 14/3/1917
António Martins	Sousela	Soldado	Sem ficha	Desembarque: 28/2/1918
António Ribeiro	Sousela	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 1.ª Companhia	Embarque: Lisboa, 14/7/1917
				Desembarque: 25/6/1919 Condenado a 60 dias de prisão.
Manuel Coelho dos Santos, casado com Emília Moreira	Sousela	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 2.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917
			Hospital Base Secção de Adidos	Desembarque: 3/4/1919, com a Ambulância 5
Abílio Ribeiro	Sousela	Soldado	Batalhão de Infantaria 9 / 3.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 9/6/1919 Desaparecido, em 9/4/1918. Prisioneiro em Gustrow. Louvor por serenidade e sangue frio durante o combate de 9/3/1918. Louvado, a 14/3/1918. Condecorado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe (24/5/1919).

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Arnaldo Ferreira	Sousela	Soldado	Batalhão de Infantaria 35 / 4.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/1/1919
Salvador Vieira	Sousela	Soldado	Sem ficha	Embarque: 14/7/1917
Luis Alves	Sousela	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Desembarque: 25/8/1918 Louvor pelo desempenho na Batalha de La Lys. Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe.
Manuel Duarte	Sousela	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 18/1/1919 Desaparecido, a 9/4/1918, e feito prisioneiro em Friedrisfeld.
Antônio de Sousa, casado com Maria da Silva (Torno)	Torno	2.º Sargento	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 5/2/1919 Louvor.
Manuel de Oliveira, casado com Maria da Conceição (Torno)	Torno	Soldado	Batalhão de Infantaria 34	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 28/1/1919 Ferido em combate com estilhaço de granada (29/3/1918).
Joaquim Carvalheiras dos Santos	Vilar do Torno e Alentejo	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 28/1/1919 Desaparecido e prisioneiro, a 9/4/1918.
Joaquim Teixeira da Silva	Vilar do Torno e Alentejo	Soldado	Batalhão de Infantaria 2	Embarque: 12/9/1917 Desembarque: 4/2/1919 Desaparecido, a 9/4/1918, e feito prisioneiro em Munster II.
José de Oliveira	Vilar do Torno e Alentejo	1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 35 / 3.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917 Desembarque: 25/6/1919 Punido.

NOME	FREGUESIA	POSTO	UNIDADE EXPEDICIONÁRIA	OBSERVAÇÕES
Joaquim da Costa	Vilar do Torno e Alen-tém	1.º Cabo	Batalhão de Infantaria 29 /3.ª Companhia	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 5/2/1919
				Desaparecido e prisioneiro.
Manuel da Silva	Vilar do Torno e Alen-tém	Soldado	Batalhão de Infantaria 15	Embarque: 14/7/1917
				Desembarque: 15/2/1919
				Desaparecido, a 9/4/1918, e feito prisioneiro em Alten Gradow.
Luís Carvalheiras dos Santos, casado com Maria Jesus Pereira	Vilar do Torno e Alen-tém	Soldado	Batalhão de Infantaria 29 (5/9/1917)	Embarque: 14/7/1917
			Batalhão de Infantaria 3 (9/9/1917)	Desembarque: 19/4/1919
				Embarque: 16/5/1917
Manuel Pinto	Vilar do Torno e Alen-tém	1.º Cabo	1.º Grupo de Metralhadoras	Desembarque: 28/1/1919
				Desaparecido, a 9/4/1918. Prisioneiro de guerra.
				Punido por ter ido buscar uma metralhadora sem autorização para tirar uma fotografia.

TABELA 4. Lista de combatentes lousadenses (praças) na frente europeia da I Guerra Mundial (AHM, 1917-1922).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, A., 2018. As Transmissões na Grande Guerra – Relatório de Soares Branco (16). *História das Transmissões Militares. Um blogue da Comissão da História das Transmissões (CHT)*, [blogue] 30 de março. Acessível em: <<https://historiadastransmissoes.wordpress.com/2018/03/30/as-transmissoes-na-grande-guerra-relatorio-de-soares-branco-16/>> [Consultado em 25 de novembro de 2018].

AHM – Arquivo Histórico Militar, 1914-1918. *António Dias de Beja – 1º Cabo*. [em linha] Acessível em: <<https://arqhist.exercito.pt/details?id=150240>> [Consultado em 25 de novembro de 2018].

AHM – Arquivo Histórico Militar, 1914-1919a. *Corpo Expedicionário Português (1914 – 1919)*. Lv. 1270-B, fls. 39v-40. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.

AHM – Arquivo Histórico Militar, 1914-1919b. *Corpo Expedicionário Português (1914 – 1919)*. Lv. 1486, fls. 8v-9. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.

AHM – Arquivo Histórico Militar, 1917-1922. *Arquivo Histórico Militar*. [em linha] Acessível em: <<https://arqhist.exercito.pt/>> [Consultado em 25 de novembro de 2018].

Almeida, H. A., 1919. *Memórias dum expedicionário a França (com a 2.ª Brigada d’Infantaria)*. Porto: Tipografia Sequeira.

AWM – Australian War Memorial, 1914-1918. *Portuguese soldiers, some wearing gas mask bags around their necks, outside bagged trenches...* [fotografia online]. Acessível em: <<https://www.awm.gov.au/collection/C1005776>> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Bessa, A. T., 1917-1918. *Este libro tem todas as minhas pasagens de meu estar em França*. [bloco de notas]. [s.l.]: António Teixeira de Bessa.

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital, 1914-1918a. *Os Portuguezes na frente da batalha. Ao entrar nas trincheiras*. [imagem online]. Acessível em: <<http://purl.pt/26608/1/index.html#/9/html>> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital, 1914-1918b. *Os Portuguezes na frente da batalha. Partindo para as trincheiras*. [imagem online]. Acessível em: <<http://purl.pt/26608/1/index.html#/3/html>> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Chaves, J. J., ed. lit., 1914a. As expedições portuguesas. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 14 de setembro. Acessível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1914/N447/N447_item1/P28.html> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Chaves, J. J., ed. lit., 1914b. As expedições portuguesas á África. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 21 de setembro. Acessível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1914/N448/N448_item1/P24.html> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Chaves, J. J., ed. lit., 1917a. A formação de companhias para a distribuição de equipamentos. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 30 de julho. Acessível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1917/N597/N597_item1/P11.html> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Chaves, J. J., ed. lit., 1917b. Em Penafiel. – A distribuição do rancho na parada interior do quartel antes da partida para França. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 30 de julho. Acessível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1917/N597/N597_item1/P11.html> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Chaves, J. J., ed. lit., 1917c. Novas tropas para França. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 30 de julho. Acessível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1917/N597/N597_item1/P10.html> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Chaves, J. J., ed. lit., 1917d. Novas tropas para França. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 30 de julho. Acessível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1917/N597/N597_item1/P10.html> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Comando de Artilharia da 2.^a Divisão do Corpo Expedicionário Português, 1918. *Louvor a Afonso Queirós*. [S.l.]: [s.n.].

Fernandes, L. A., 2014. António Couto e Vasconcelos, o ‘Capitão de Lagoas’. *Revista Municipal de Lousada (Suplemento de figuras e factos)*, 117, pp. 1-4.

Ferreira, J. C., 2008. *Anais de Penafiel (1900/1925)*. Penafiel: Livrofiel.

Henriques, M. C. e Leitão, A. R., 2001. *La Lys – 1918 – Os soldados desconhecidos*. Lisboa: Prefácio.

ICRC – International Committee of the Red Cross – Historical Archives, 1914-1918a. *Prisoners of the First World War*. [imagem online]. Acessível em: <<https://grandeguerre.icrc.org/en/File/Details/5707822/9/2/>> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

ICRC – International Committee of the Red Cross – Historical Archives, 1914-1918b. *Prisoners of the First World War*. [imagem online]. Acessível em: <https://grandeguerre.icrc.org/en/File/Zoom/E/10/01/C_G1_E_10_01_0002/C_G1_E_10_01_0002_0142.JPG/> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

ICRC – International Committee of the Red Cross – Historical Archives, 1914-1918c. *Prisoners of the First World War*. [imagem online]. Acessível em: <<https://grandeguerre.icrc.org/en/File/Search#/9/2/189/0/Portuguese/Military/vieira>> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

ICRC – International Committee of the Red Cross – Historical Archives, 1914-1918d. *Prisoners of the First World War*. [imagem online]. Acessível em: <https://grandeguerre.icrc.org/en/File/Zoom/E/10/01/C_G1_E_10_01_0003/C_G1_E_10_01_0003_0048.JPG/> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

ICRC – International Committee of the Red Cross – Historical Archives, 1914-1918e. *Prisoners of the First World War*. [imagem online]. Acessível em: <https://grandeguerre.icrc.org/en/File/Zoom/E/22/01/C_G1_E_22_01_0002/C_G1_E_22_01_0002_3235_0.JPG/> [Consultado em 27 de novembro de 2018].

Jornal de Louzada, 1916. Voluntário português na Guerra. *Jornal de Louzada*, 14 de maio, p. 2.

Lopes, J. C., 2018. *António Dias de Beja – Combatente I Grande Guerra*. [e-mail] (13 de agosto de 2018).

Lopes, T. S., 2014. *Memorial aos mortos na Grande Guerra. Desenvolvido para o Arquivo Histórico Militar*. [em linha] Acessível em <<http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/HomensPesquisa.aspx/Results.aspx?k=Lousada>> [Consultado em 26 de novembro de 2018].

Magalhães, J. R., 1917-1918. *Recordação de França. A vida dum soldado na trincheira*. [bloco de notas]. [s.l.]: José Ribeiro de Magalhães.

Marques, I. P., 2016. *Das trincheiras com saudade. A vida quotidiana dos militares portugueses durante a I Guerra Mundial*. 3.^a edição. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Montalverde, G., 1967. *Portugal na Batalha de La Lys: Tenente Assis Gonçalves recorda batalha de La Lys*. [em linha] Acessível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/tenente-assis-goncalves-recorda-batalha-de-la-lys/>> [Consultado em 9 de outubro de 2018].

Ramos, R., 1994. A segunda fundação (1890-1926) (Sexto Volume). In: J. Mattoso, dir. 1994. *História de Portugal*. [Lisboa]: Editorial Estampa.

Ribeiro, L., 1999. *O século XX em Lousada: 100 factos e personalidades*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Silva, I. R., 2017. *Paredenses na Grande Guerra 1914-1918*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes / Centro de Estudos Interculturais – ISCAP.

Sousa, P. M., coord. 2017a. *Artilharia Pesada*. [em linha] Acessível em: <<https://franca.centenariograndeguerra.pt/org-equip/artilharia-pesada.html>>. [Consultado em 26 de novembro de 2018].

Sousa, P. M., coord. 2017b. *Os Serviços de Saúde do CEP*. [em linha] Acessível em: <<https://franca.centenariograndeguerra.pt/organizacao-equipamento/servicos-de-saude.html>>. [Consultado em 26 de novembro de 2018].

Teixeira, N. S., 1998. Portugal na Grande Guerra 1914-1918. In: N. S. Teixeira, coord. 1998. *Portugal e a guerra. História das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais (sécs. XIX-XX)*. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de História Contemporânea da FCSH/UNL.